ORFEÃO

45.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DO ORFEÃO ACADÉMICO E 20.º DO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

ORFEÃO

Há quarenta e cinco anos foi lançada à boa terra do Porto a semente do que havia de transformar-se na seara que somos!

Nesse tempo, o Orfeão era um grande sonho; hoje, é uma gloriosa realidade!

Nós, os orfeonistas do presente, assistindo ao remoçar das velhas gerações, sentindo a mesma alegria e inefável ventura do momento que passa, cremos firmemente que um dia teremos a suprema dita de ser o que eles são hoje: uma afirmação de verdadeira solidariedade; a concretização dos princípios que regem os mais altos ideais académicos.

Que a mocidade destes rapazes de outrora seja para os que chegam a certeza de que o Orfeão não morre; que o seu exemplo seja para os vindouros o incentivo para que ele continue a ser o que tem sido até hoje: a dignificação do estudante e da Universidade

SUMARIO

Orfeão
As NossaS Capas . . . . . *Dr. João Gil da Costa* (Orfeonista de 1948)

Palavras do Nosso Reitor . . . *Prof. Doutor Amândio Tavares*

Uma história breve . . . . . *Eng. Mário Pacheco* (Orfeonista de 1912-13)

Orfeão Académico de 1912-13 . *Dr. José Côrte-Real* (Orfeonista de 1912-13)

Um pouco de história sobre a Vida do Orfeão e Tuna Académicos . . . . . *Luciano Alegro de Magalhães* (Orfeonista de 1928)

Modesto Osório . . . . . *Doutor António Paúl* (Componente da Tuna de 1922)

O Reaparecimento do Orfeão e Tuna quando das Comemorações do 1.º Centenário da Academia Politécnica e Escola Médico-Cirúrgica . . . . . *Dr. Angelo César das Neves* (Orfeonista de 1937)

Afonso Valentim — 20 anos na Regência do Orfeão Universitário

Homenagem . . . . . *Prof. Doutor Adriano Rodrigues*

Saudade . . . . . *Eng. Joaquim Vieira da Silva* (Orfeonista de 1942)

Quando o Orfeão foi a Sevilha e a Lisboa . . . . . *Abílio Ferreira* (Orfeonista de 1948)

Sonho . . . . . *Henrique Veiga* (Orfeonista)

Recordando... — Cenas da viagem a Angola . . . . . *Manuel Caspurro* (Orfeonista)

O «Vuliche». . . . . *Manuel Carneiro* (Orfeonista)

Ideia Sublime
Praxes e Baptismos no O. U. P. *Alexandre Miranda* (Orfeonista)

Vontade de ser Orfeonista. . . *Camilo L. Freitas*

Capa de *EDUARDO LUIZ*

AS NOSSAS CAPAS

Pelo DR. JOÃO GIL DA COSTA

A capa negra sobre os ombros tem de ser sinal de responsabilidade para constituir motivo de orgulho; muito mais se os ombros são de universitário.

Trajar capa e batina significa pertencer a uma mocidade que busca esclarecer-se, e que tem obrigação de dignificar o trabalho do espírito e o valor do conhecimento da verdade.

O homem moço não gosta de subserviências mas uma deve aceitar com entusiásmo: a subordinação dos seus actos à justiça, à moral e à elegância de atitudes. Tem fé no valor do trabalho, arrasta os desanimados no fogo do seu coração e procura a unidade do meio a que pertence. Se conserva jovem o carácter tem prosa lavada, livre de expressões desonestas, reconhece e repudia o roubo e a difamação e mantém o seu sentido de humor no mesmo nível.

Tem de ser assim o universitário do Porto, e o nosso Orfeão é escola de todas estas virtudes: a disciplina livremente aceite para satisfação do espírito e serviço da Arte; a unidade que não permite desafinações; a convivência serena e delicada imposta pela presença das senhoras; a escola de dirigentes completando a função formativa da Universidade; o mundo de canções com que o sonhos e mistura, envolto em capas negras, enchendo o coração de Fé, o ânimo de forças e o futuro de esperanças!

É por isso que todos temos saudades do Orfeão!

ORFEÃO

NÚMERO ÚNICO COMEMORATIVO DO 45.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DO ORFEÃO ACADÉMICO E 20.º DO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

EDITOR: *Licínio José Almeida Cardoso*
Presidente da Direcção do O. U. P.

PROPRIEDADE DO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO
Séde: FACULDADE DE CIÊNCIAS

PREÇO 3$00

DIRECÇÃO E REDACÇÃO
A CARGO DOS ORFEONISTAS

Alexandre Alberto Cardoso de Miranda
Manuel José Vieira da Silva Caspurro
José Horta Carneiro

ABRIL DE 1957

TIP. DA EMPRESA DE PUBLICIDADE DO NORTE
Rua Duque de Loulé, 73 — PORTO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Palavras do nosso Reitor

Ao comemorar-se festivamente o 15.º aniversário do *Orfeão Universitário*, pediram-me os seus dirigentes umas palavras para o programa do sarau que assinalou essa página da história de um dos organismos de que a Universidade do Porto muito se orgulha.

Volvido um lustro, voltam a solicitar-me duas linhas para o «número único» que constituirá o padrão de um novo passo na sua gloriosa jornada, e mostram-me as palavras então escritas. Relendo-as, pergunto a mim mesmo que mais poderia acrescentar ao que ali se encontra sintetizado, agora que vai celebrar-se o 20.º aniversário do Orfeão? Parece-me bastante uma simples confirmação, apenas acrescida da reforçada convicção que os poucos anos decorridos lhe imprimiram.

Sendo assim, para aqui se transcrevem sem as alterar senão no que a indispensável actualização exige. O testemunho é o mesmo, singelo e despretensioso, mas valorizado pela sinceridade e espontaneidade da justiça e gratidão que o inspiraram.

O Orfeão Universitário do Porto, enraizado no *Orfeão Académico* de há 45 anos, celebra o 20.º aniversário da sua reorganização, levada a efeito por ocasião das festas comemorativas do 1.º Centenário da Academia Politécnica e da Escola Médico-Cirúrgica, que vieram a constituir, desdobradas em Faculdades, a Universidade do Porto, a cuja história fica, deste modo, estreitamente vinculado.

Senhor de seus pergaminhos justamente conquistados, velho conhecido e amigo da população da capital do Norte, que o viu nascer e se conserva atenta ao seu progresso e aos seus triunfos, dela vai receber a merecida aclamação, como conjunto artístico de relevo no meio universitário, com projecção na vida cultural da cidade e do País.

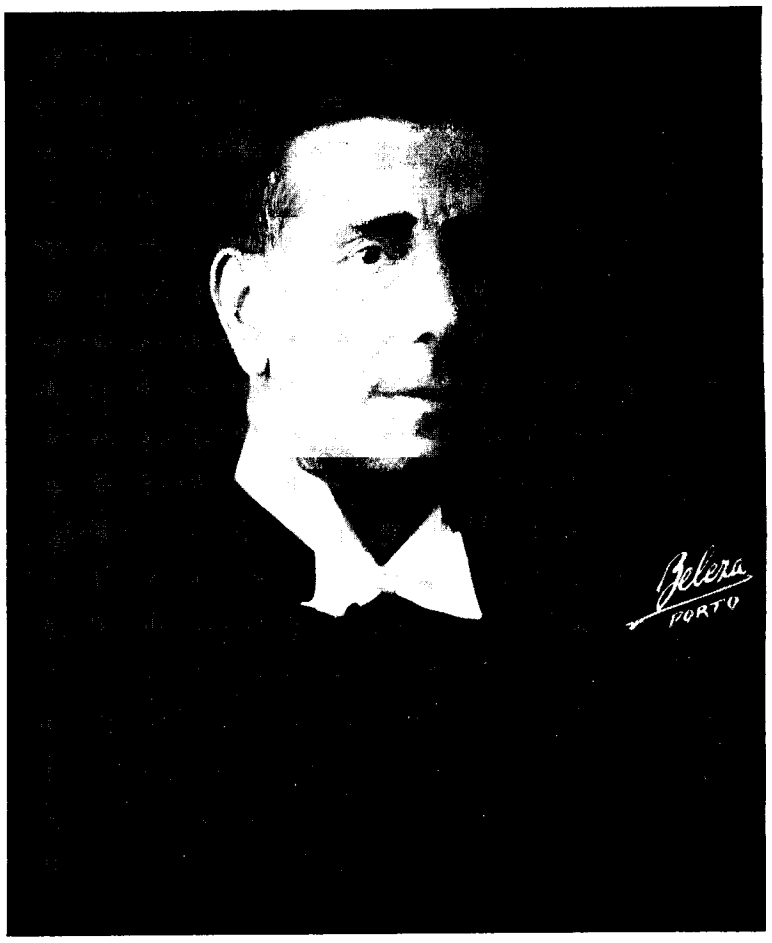
Por sua vez, a Universidade, ciente da acção educativa que brilhantemente ele tem exercido, contribuindo para o seu prestígio aquém e além-fronteiras, vem mais uma vez, pela voz do seu Reitor, juntar ao alvoroçado entusiasmo e alegria dos académicos a sua parcela de reconhecimento e íntima satisfação, acrescida pelo nobre exemplo de boa camaradagem que a todos, e muito especialmente aos seus irmãos mais novos, vêm dar, num rasgo enternecedor, velhos orfeonistas de há 45 e 35 anos, autênticos pioneiros da hoje florescente agremiação, que para eles constitui uma das gratas recordações da idade, já longínqua, dos grandes sonhos, que o tumulto da vida não fez esquecer e das quais todos, mais ou menos, alimentamos a nossa saudade.

Tenho ainda bem presente o alvoroço com que em 1912 se acolheu a ideia de fundar o Orfeão, o entusiasmo que presidiu à sua organização e acompanhou o seu desenvolvimento naqueles primeiros e curtos anos de existência. São desse tempo alguns dos colaboradores da festa de hoje.

O significado desta simpática colaboração deve ter aqui o merecido realce de quem se mantém no empenho de assegurar à Universidade o cumprimento da sua missão como escola formadora da Juventude, e de perto tem acompanhado os esforços e canseiras dos estudantes e do Maestro Afonso Valentim para fazerem do Orfeão Universitário uma instituição que se pode apontar entre as belas realidades na vida da nossa Universidade, de que o Porto legìtimamente se ufana.

Tendo tido a consagração oficial em 1947, ao ser criada a direcção artística, e merecido do Senado Universitário sucessivos votos de louvor, recebeu o Orfeão novos e eloquentes testemunhos de apreço da Câmara Municipal — que lhe concedeu a Medalha da Cidade — e do Senhor Presidente da República, ao conferir-lhe em 1952, mediante proposta do Senhor Ministro da Educação Nacional, a Comenda da Ordem da Instrução Pública, em atenção aos serviços prestados, entre os quais se contam ainda a acção benemerente, traduzida pela concessão de subsídios a instituições de assistência e o regular comprimento do objectivo concernente ao auxílio a estudantes pobres, por meio de bolsas de estudo, cada ano atribuídas de acordo com a autoridade académica, à qual o Orfeão tem dado espontâneamente dedicada e útil colaboração, que me apraz registar, como uma das provas claras de perfeita integração no verdadeiro espírito universitário que tem caracterizado a vida dos nossos organismos circum-escolares.

Depois, novas exibições e novos êxitos no Continente, em Espanha e na África definitivamente consolidaram o prestígio do Orfeão—conquistando as simpatias gerais e honrando sempre a Universidade e o País, tanto pelo valor artístico como pelo magnífico exemplo de aprumo, correcção, dignidade e disciplina que têm sabido dar os seus membros e os impõe aos olhos de todos, deixando por toda a parte excelente impressão, reflectida de modo bem expressivo nas felicitações endereçadas à Reitoria pelos nossos representantes diplomáticos, autoridades e antigos alunos da Universidade portuense, que se declaram orgulhosos de a ela pertencerem e sublinham a «brilhantíssima actuação do Orfeão e aprumado comportamento dos seus componentes».



Prof. Doutor Amândio Tavares

É, pois, com redobrado júbilo que me valho do momento para lhe reafirmar a mais decidida simpatia e caloroso aplauso, dirigindo aos antigos e actuais orfeonistas os justos e não regateados louvores e agradecimentos, com os votos sinceros pelo progressivo desenvolvimento do organismo e da sua obra em favor da elevação e dignificação espiritual do estudante, princípio e fim de todas as nossas aspirações e do nosso labor, ao serviço do robustecimento da fé e do amor à querida, imorredoira e sagrada terra de nossos maiores, onde vai florir o Portugal de amanhã, que os jovens universitários trazem dentro dos seus corações.

FERNANDO MOUTINHO

UMA HISTÓRIA BREVE

pelo Eng. MÁRIO PACHECO

Findara o «Carnaval dos Estudantes», um dos que mais galhofeiramente, em improvisado cortejo, verberou os preconceitos da demagogia então imperante.

Estávamos em fins de Fevereiro de 1912. Um grupo de rapazes, à porta principal da Faculdade de Ciências, aguardava a entrada nas aulas; enquanto o professor não chegava ia-se ocupando o tempo em amena e dispersiva conversa . . .

Vão decorridos 45 anos e, não será fácil precisar o que dizíamos; posso recordar, que um dos temas da despreocupada tagarelice foi o êxito notabilíssimo da tarde do Palácio em que o Orfeão Académico de Coimbra se apresentou pela primeira vez no Porto; o discurso de Leonardo, eloquente e entusiástico, foi um sucesso impressionante, naquele Domingo memorável, em que o «grupo do Joyce» marcou mais um triunfo na sua carreira gloriosa. Em consequência houve quem lamentasse não ter o Porto um agrupamento idêntico. Porque não se organizaria?

Perante o alvitre um tanto inesperado houve um natural momento de hesitação; na verdade, certa política mesquinha e parcial, tinha insinuado pequenas desconfianças; coisa mínima, no entanto, fácil de neutralizar com a colaboração de todos, dado que a grande maioria, soberanamente avessa às discórdias politiqueiras, generosamente secundaria qualquer iniciativa aglutinadora.

Que diabo, seria uma questão de boa vontade e, tudo se conseguiria se soubéssemos vencer o esmorecimento com generoso optimismo. A coisa dependia de pouco e, na verdade, o plano uma vez gisado, não ofereceu dificuldades; dias depois, a imprensa diária publicava uma convocatória convidando os alunos da Faculdade de Ciências, Medicina, Instituto e Liceus a comparecerem na Nave do Palácio no dia 6 de Março de 1912, às tantas.

O «Jornal de Notícias» do dia 7 publicou então, com título de destaque a seguinte notícia:

UMA BELLA INICIATIVA

Funda-se no Porto um Orpheon Académico

Guiados pelos admiráveis sentimentos artísticos que de há muito se tem manifestado na Academia de Coimbra e ultimamente na de Lisboa, os estudantes das escolas de ensino superior desta cidade resolveram organizar um orpheon exclusivamente académico, com o fim altamente sympathico de interpretar a canção portuguesa.

Para isso reuniram-se hontem na Nave Central do Palácio de Crystal, pelas 4 horas da tarde grande número de alunos da Escola Médica, Universidade, Institutos e Lyceus que se inscreveram como sócios do novo Orpheon.

Presidiu um dos membros da comissão organizadora que expoz os fins da reunião, em seguida ao que fez a apresentação do Snr. Fernando Moutinho, o já consagrado compositor portuense, que foi acolhido com uma prolongada salva de palmas, manifestação esta que o orador disse ser das mais justas porque o illustre compositor é um dos mais competentes para realizar com êxito a obra que se estava iniciando, em seguida ao que agradeceu ao Snr. Fernando Moutinho a amabilidade com que acedeu ao convite que a comissão lhe fez para director artistico do Orpheon.

Tomando a palavra o Snr. Fernando Moutinho depois de agradecer a manifestação que acabava de lhe ser feita, disse, ser sua opinião que o Orpheon deverá ter por fim o renascimento da musica portuguesa, ocupando-se por isso exclusivamente de musica nacional. Para isso bastava pedir a todos os poetas e compositores portugueses a sua collaboração, convite que será por certo bem aceite por todos, visto tratar-se de uma coisa original entre nós e que deve fazer vibrar o nosso sentimento patriotico. Continuando, expoz em breves palavras a orientação que pessoalmente entendia dever dar-se à organização interna, organização esta que foi acolhida com agrado geral.

Procedeu-se em seguida à eleição da comissão administrativa que ficou composta de cinco membros, sendo dois da Universidade, um da Escola Médica, um dos liceus e um do Instituto.

A seguinte reunião que se efectuará na próxima semana, será anunciada pela imprensa e nas respectivas escolas».

Como se depreende havia-se constituido uma comissão executiva e por aclamação se entregava a Direcção artística do novo orfeão à direcção competentíssima de Fernando Moutinho.

A academia era solicitada a dar a sua adesão e todos os que desejassem faze-lo inscrever-se-iam na Papelaria Industrial ao Largo do Carmo.

Havia nessa altura inscritos cerca de 200 candidatos e os primeiros trabalhos de selecção realizar-se-iam na antiga sala de concertos do Orpheon Portuense à Rua do Laranjal, uma típica artéria do velho Porto, que ligava a Trindade com a Praça Nova.

A sugestão de canção portuguesa não sendo inédita, considerava-se oportuna, dado o interesse público pelo movimento levado a efeito por Alexandre de Azevedo, Simões Coelho, Aura Abranches e outros, nos «fins de festa» incluidos nos programas de «Grand-Guignol» então no Sá da Bandeira.

Lançar-se-ia um apelo vibrante aos nossos poetas e compositores para que fosse iniciado um verdadeiro período de renovada valorização da Canção Portuguesa, cultivando as espontâneas maravilhas que a alma do povo soube crear ou, exaltando a beleza dos seus temas preferidos em ritmos de nova erudição.

Os «magos» da «Renascença Portuguesa» logo vieram com o seu apoio; outros os secundariam com acolhedora simpatia e prestante colaboração.

Teixeira de Pascoais e Leonardo Coimbra estavam presentes à interessantíssima palestra que Jaime Cortezão, no salão do Laranjal, dedicou aos novos agremiados exaltando-os a prosseguirem no programa traçado.

Oscar da Silva, Viana da Mota, Tomaz Borba, Rey Colaço, Ernesto Maia, Carlos Dubini, Freitas Branco, Luiz

Felgueiras, Ernani Torres, Moreira de Sá, Artur Ferreira, Calderon, Augusto Machado, seriam naturalmente solicitados pelo mesmo interesse em prol do pretendido ressurgimento artístico.

Escolhidos os ensaiadoras de naipes mas ainda, sem sede privativa, os primeiros ensaios fizeram-se na sala de concertos do Orpheon Portuense e depois conforme podia ser num velho circo do Passos Manuel ou no inacabado edifício da Cordoaria.

O orfeão contava então com cerca de 150 executantes prontos para os primeiros trabalhos. Os ensaios parciais eram dirigidos por Mário Lopes (1.os tenores), Fausto Campos (2.os tenores), Avelino Moreira Padrão (barítonos) e Norberto Calado (baixos).

O entusiasmo era manifesto e, não esmoreciam os esforços dos ensaiadores de grupos sempre animados pela rara intuição e notabilíssimas faculdades artísticas de F. Moutinho.

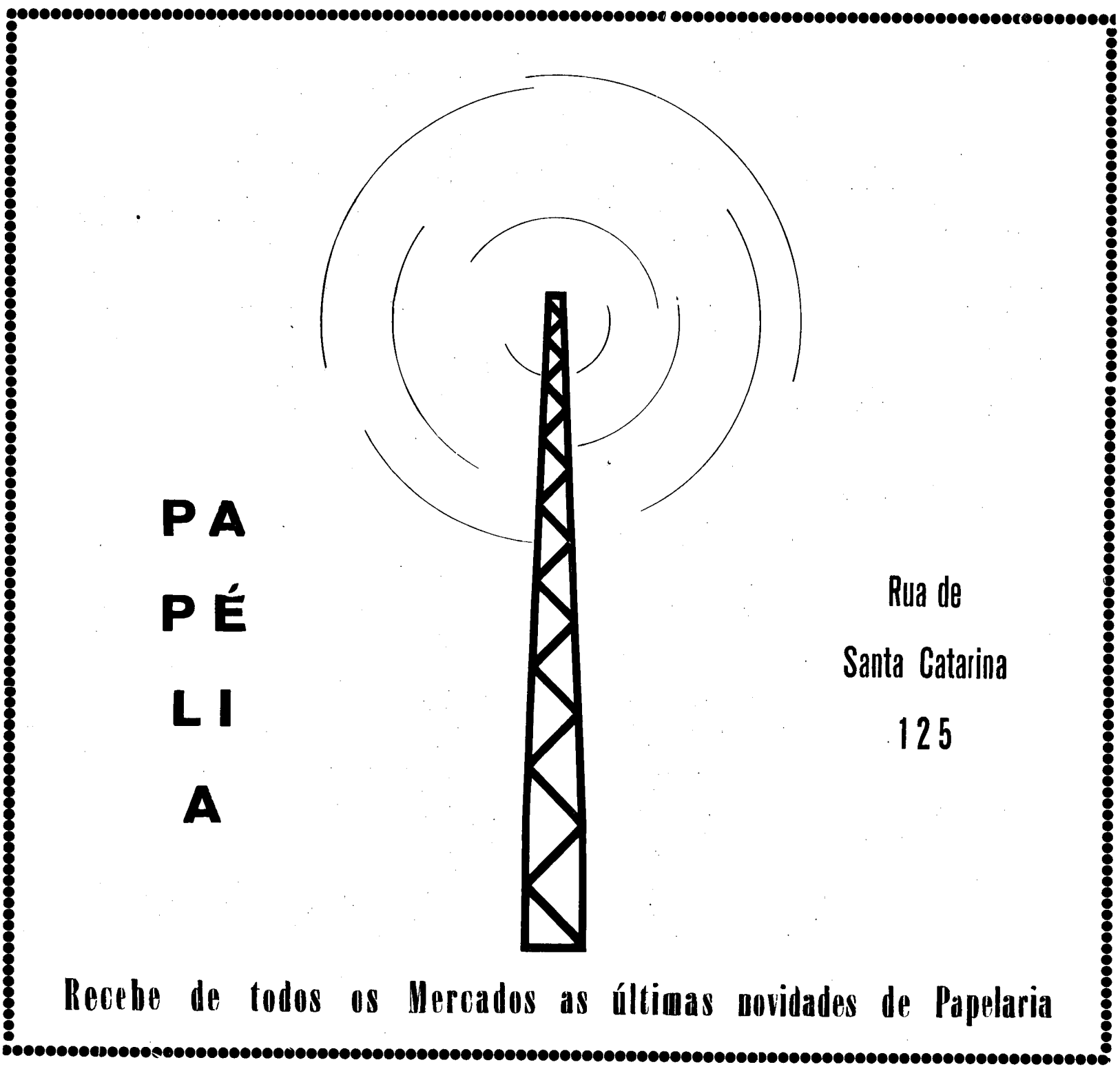
Após os primeiros ensaios de conjunto, conjecturava-se já uma apresentação em público, evidentemente, em colaboração com determinados elementos do teatro; isto seria a confirmação duma realidade como preparativo para mais largo empreendimento.

E assim, na noite de 1 de Junho de 1912, em plena época teatral, o Orfeão Académico do Porto, sob a direcção de Fernando Moutinho, apresentava-se na *Festa da Canção Portuguesa* organizada a propósito da Companhia Teatral que nessa altura se encontrava no Teatro Sá da Bandeira.

Gratos ao seu primeiro Director Artístico a quem dedicavam uma admiração sem reservas, os rapazes do Orfeão entusiàsticamente homenagearam o animador do empreendimento nascente.

Fernando Moutinho compreendia, porém, que para maior homogeneidade do Orfeão a Direcção deveria, possìvelmente, ser entregue a um artísta idóneo integrado no próprio meio; e assim foi que, por unanimidade de vozes, a Direcção Artística do jóvem agrupamento passou às mãos de Futuro Barroso, artista de mérito reconhecido, aluno do Instituto Industrial.

Esta a singelíssima história do Orfeão Académico do Porto, no seu primeiro ciclo... demasiado breve, talvez lacónica, a reprimir uma saudade que já se não usa.



IDEIA SUBLIME...

Naquela época — já lá vão 45 anos — os estudantes das escolas superiores do Porto deram real prova do seu valor, da sua iniciativa e do seu verdadeiro portuguesismo. Entendemos que a ideia que presidiu nessa altura à fundação do Orfeão Académico merece, hoje e sempre, dos verdadeiros estudantes de Portugal, os maiores louvores.

Cultivar sòmente música portuguesa!

Era a consciencialização de uma necessidade premente de reacção perante um estado de coisas, que colocava num plano secundário a música e a canção nacionais.

Como teria cabimento no dia de hoje iniciativa semelhante!

No momento que passa, com grande mágoa se verifica que a nossa juventude, salvo louváveis excepções, prefere os temas estrangeiros, que interpreta, tantas vezes, com desusado entusiasmo; e isto resulta, sem dúvida, em manifesto detrimento da tão bela música portuguesa, que na variedade dos seus temas ou motivos tanto nos fala, numa rica expressão, da raça, do sentimento do nosso povo, das glórias e das tradições da Pátria.

Os estudantes caminhavam para um formidável empreendimento para o qual contavam, cônscios do valor da sua iniciativa, com a colaboração dos poetas da época. A carta de Fernando Moutinho, dirigida aos poetas de então, e que a seguir se transcreve, é o espelho fiel onde se projecta o ideal elevado que amparou os primeiros passos do Orfeão de 1912.

Ill.mo e Ex.mo Senhor

Os estudantes dos cursos da Universidade, Escola Medica, Instituto Industrial e Commercial e Lyceus d'esta Cidado do Porto, reunidos em numero superior a 150, lançaram as bases para a Organização do — Orpheon Academico do Porto — para a Direcção artistica do qual tiveram a amabilidade de me convidar.

Desejando eu, mercê da confiança que todos em mim depositaram para determinar a orientação artistica a seguir, para desenvolver o gosto pela musica portugueza, tão caracteristica e inconfundivel, propuz e a minha proposta foi acolhida com verdadeiro enthuiasmo, que sollicitassemos dos nossos poetas versos seus que, confiados aos nossos compositores, para sobre elles bordarem as mais inspiradas melodias, viriam dar-nos precioso material para a organização de programas de concertos com elementos muito nossos, muito portugueses, muito bellos e muito dignos de serem mais tarde apresentados em público, no estrangeiro, com a certeza de produzirem completa sensação.

Cultivar só a nossa musica com versos de poetas portugueses é a minha ideia e julgo assim prestar, dentro das minhas débeis forças, algum serviço às bellas artes portuguezas.

Venho pois, muito respeitosamente pedir a V.ª Ex.ª, para o nosso Orpheon, alguns versos, que serão confiados para ornamento musical a um dos distinctos compositores, Senhores José Vianna da Motta, João Arroyo, Oscar da Silva Rey Collaço, Moreira de Sá, Luiz Costa, Raymundo de Macedos, Arthur Ferreira, Ernesto Maia, Fillipe Duarte, Luiz Felgueiras, Thomaz Borba, C. Calderon, Augusto Machado e Ernâni Torres.

Por esta altissima fineza, desde já me considero infinitamente grato e permitta-me V.ª Ex.ª que me subscreva, com a maior consideração.

De V.ª Ex.ª
crendo mt.º att.º ven.or obgd.º

Por que a consideramos interessante trancrevemos também a carta de Fernando Moutinho aos orfeonistas.

Aos Senhores que constituem o Orpheon Académico do Porto

Para que, no mais curto praso de tempo e a dentro do anno lectivo corrente o Orpheon Académico do Porto possa fazer a sua apresentação em público, é absolutamente indispensável *que se façam ensaios diariamente de cada grupo em separado, para a consecução do que nomeei ensaiadores auxiliares os Senhores:*

Mário Lopes	para os 1.os	tenores
Fausto Campos	» » 2.os	»
Avelino Moreira Padrão .	» »	barytonos
Norberto Callado	» »	bassos

Estes Senhores que, durante as horas de ensaios teem de ser respeitados como meus representantes para todos os effeitos, terão obrigação de me apresentar, em todos os ensaios de conjunto a que presidirei, a tarefa que eu lhes marcar de tantos compassos, o mais possível, ensaiados conforme as instruções que de mim receberem.

Só assim se poderá conseguir o fim almejado em dois mezes, o que é absolutamente necessario que se consiga, por força.

É uma gloria para todos os Senhores Orpheonistas o apparecerem em público dentro de dois mezes, embora com um programma pequeno, mas perfeito e primorosamente interpretado. Pode-se conseguir, mas só com vontade de ferro, de um por um e portanto, lhes peço encarecidamente e como amigo de todos, pela altíssima honra que me conferiram de me escolherem para seu Director artistico, para:

Nunca faltarem a ensaios, nem parceais nem totaes.

Estarem com a maxima attenção durante os ensaios e tão respeitosamente como costumam estar nas aulas.

Crearem em si proprios esta força de vontade nata em todo o homem que se preza e que é intelligente — quero — *e* querer é poder.

Muito doloroso será para mim usar da unica punição que terei de pôr em practica para com os que systematicamente faltarem: a expulsão *do Orpheon — sem perdão.*

Abril — 18
1912

a) *Fernando Moutinho*

Orfeão Académico—(1912-1913)

pelo Dr. José Corte Real

Há 45 anos que se organizou o primeiro Orfeão Académico na cidade do Porto.

Já lá vai perto de meio século; mas, se recordar é viver, vou viver, recordando, alguns episódios desse tempo.

Devo declarar que não foi a intuição musical que me levou a ser orfeonista, pois Deus não me dotou com esse dom, nem me deu bom ouvido; foi o desejo de viajar, que desde novo me acompanhou. Dizia-se que no ano seguinte iriamos a Espanha...

Frequentava eu o 2.º ano da Escola Médica, instalada no edifício que existia no local onde hoje se encontra a Faculdade de Medicina, e que, em gíria académica, se chamava o «Chalet do Brasileiro».

Faziam parte do Orfeão, entre outros, os seguintes: Eng. Mário Pacheco, actual Director da Escola Industrial Infante D. Henrique, um dos principais organizadores do Orfeão; Alberto Pinto Vieira, Eng.º das Obras Públicas, ensaiador dos tenores; Pinto Ribeiro, tesoureiro do Banco Inglês, ensaiador dos barítonos; Catão Simões Júnior, empregado dos Correios; Eduardo Figueiredo, oficial do Exército, Dr. Vicente de Almeida de Eça, Dr. António Emílio de Magalhães, Dr. Veloso Pinho, Dr. Amilcar de Castro, arquitecto José Moreira, Eng.º Manuel Barreto Costa, Eng.º Serafim Lainho, António Pinto Machado, actual director do Palácio; Dr. Joaquim Correia da Costa, Eng.º Alberto Barbosa de Matos, Basílio Serveira Pinto, Dr. Albano Rodrigues Magalhães, Dr. João Correia Guimarães, tenente-coronel de Engenharia Joaquim Pimpão, major do Exército Caetano Alves Teixeira, professor José Garrido, arquitecto João Queirós, Dr. Alberto da Silva e Sousa, Pimenta de Castro, e Sarmento Pimentel, oficial do Exército, Daniel Matos, capitão do Exército, Alexandre Vasconcelos, jornalista, Carlos Adriano da Fonseca, capitão do Exército, Eng. Costa Marques, Dr. Joaquim Salgado, Eng. Porfírio Rebelo Bonito, Dr. José Braga, Dr. Victorino Pinto, Aquitecto Agostinho Ribeiro da Fonseca, Dr. Augusto Barreto Costa. Dos falecidos só citarei dois nomes: Dr. Alfredo Barata da Rocha, alma de poeta, rapaz inteligente, com dom de oratória e, por isso, escolhido para nosso orador oficial; e o Eng. Futuro Alves Barroso, músico por intuição—segundo maestro, pois o primeiro era Fernando Moutinho, autor de «O toque das Avé Marias», que fazia parte do nosso reportório.

Na realidade, fomos a Espanha no ano seguinte, e cantamos na Corunha e no Ferrol sob a regência do nosso segundo maestro.

Para arranjar os fundos necessários para a realização daquele intento demos dois espectáculos: um no Teatro Sá da Bandeira, e outro no Palácio de Cristal. Se a memória me não atraiçoa, esses dois espectáculos renderam cerca de 800 escudos, e foi com esse dinheiro que nos abalançamos a ir à Espanha.

Actualmente, o Orfeão tem ajudas oficiais, que nós não tinhamos. Contavamos só connosco; mas o que faltava em organização, era compensado por espírito de improviso.

A propósito, vou contar dois episódios que confirmam estas minhas palavras.

Partimos para Espanha sem sabermos cantar o hino espanhol. O primeiro ensaio, em conjunto, foi realizado já em terra espanhola, na gare de Guilharei. Pois bem, os espanhóis nunca chegaram a aperceber-se dessa lacuna, graças a um estratagema que foi posto em execução com pleno êxito e que foi o seguinte: Mal tínhamos atacado os primeiros compassos do hino espanhol, que era o último número do espectáculo, alguém da plateia levantou um potente viva à Espanha. Do palco, imediatamente alguns dos rapazes secundaram entusiàsticamente esse viva. Isso provocou, como foi previsto pelo autor da ideia, que já não sei quem foi, um viva a Portugal, por parte dos espanhóis. Depois, foi o delírio... capas no ar, entusiasmo efusivo e estrepitoso... e, no fundo, talvez alguém pudesse ouvir qualquer coisa que também poderia ser o hino espanhol.

Mas, infelizmente, o resultado financeiro da nossa excursão não foi dos mais brilhantes, para o que muito contribuiu estar-se na Semana Santa, e os espanhóis, pelo menos então, não gostavam de ir ao teatro nessa quadra do ano. Mas, fosse como fosse, o certo é que não havia dinheiro para o regresso. A comissão directiva declarou banca rota, e segeriu que fossemos ao quarto n.º 9 do Hotel la Perla entregarmos as nossas disponibilidades, para ver se se conseguia

(Cont. na pág. 19)

O ORFEÃO ACADÉMICO DE 1912

Futuro Barroso

Um pouco de História sobre a vida do Orfeão e Tuna Académicos

Em Abril de 1937, quando se festejou o 1.º Centenário da Academia Politécnica e Escola Médico-Cirúrgica do Porto, veio a lume um número único do jornal PORTO ACADÉMICO, comemorativo da histórica data que passava.

Encontramos nele um artigo de Luciano Alegro de Magalhães, orfeonista em 1928, que, por o considerarmos um contributo valioso para a história do Orfeão e Tuna, com a devida vénia transcrevemos para este jornal.

O ORFEÃO E TUNA ACADÉMICOS DO PORTO

Se houve agrupamento por que o *Porto Académico* tomasse interesse, esse foi sem dúvida o Orfeão e Tuna, irmãos gémeos na Arte, na disciplina e no carinho recíproco, embora com características diferentes. Extensas colunas lhe consagrou pelo decorrer da sua vida, e até um número-miniatura, ao tempo da direcção de Joaquim Moreira, publicou, inteiramente dedicado à propaganda do grupo que abalava, daí a dias, para terras de Espanha.

Como se compreendia que, na ocasião do Centenário da Academia Politécnica do Porto, em que a «vélha guarda» do *Porto Académico* lança a lume um número especial, o Orfeão e Tuna não se aconchegassem nas suas colunas?

Assim, vão contar alguma coisa do que viram e ouviram, cá e lá fora.

A curva da vida do Orfeão teve altos e baixos pronunciados. Fundado o primeiro, há 22 anos ([1]), pelo estudante Futuro Barroso, cedo adormeceu nos louros colhidos, até que, em 1922, a prespectiva de um passeio a Madrid o fez acordar.

Tomara a regência o Dr. Clemente Ramos, orfeonista da Capela Sixtina e grande entusiasta da música vocal. Da Tuna, encarregara-se o estudante de Engenharia, Modesto Osório — alma de Artista, tão cedo arrebatado ao número dos vivos — chefe da corda dos Baixos do Orfeão e igualmente apaixonado por cada um.

Qualquer deles se impunha, um pela persuasão, outro pela decisão. O Dr. Clemente Ramos, passados momentos, tratava por um *tu* de pai, os orfeonistas, e obtinha deles o que pretendia; o Modesto, afora as ocasiões em que nas catacumbas do «Excelsior» congregava os caloiros, para ensaiar o naipe, (e estava na sua comparência uma alforria às praxes), fazia sentir a disciplina da Tuna acompanhando duma pancada seca de batuta na estante, um característico dito, inofensivo, e de resultado eficaz.

Com estas modalidades conseguiram pôr os rapazes a cantar e a tocar. E de tal maneira se houveram que em Maio desse ano, depois de se exibirem no Teatro S. João, abalaram para terras de Espanha. Um luxuoso programa em papel *couché*, com colaboração de Teixeira de Pascoais, Júlio Brandão e Ezequiel de Campos, apresentava-os ao público madrileno.

Está na memória de todos o que foram esses oito dias na capital de Espanha. Até o aspecto financeiro da Empresa se mostrou risonho: a girândola final — um espectáculo ao ar livre no Retiro — caíu em forma de milhares de pesetas nas mãos dos pobres de Madrid!

Este resultado só foi devidamente apreciado quando, nos anos que se seguiram, o equilíbrio financeiro era uma autêntica corda bamba. A Arte mostrava-se incompatível com o proveito...

As Direcções bem se esforçavam: ora indo a Tuna fazer uns pequenos *raids*, em virtude de maior facilidade de deslocação, ora promovendo festas, no intuito de arranjar receita. Por via de regra o *deficit* aumentava: na tourada que se realizou na Areosa a 22 de Abril de 1923 perderam-se 30 contos!

Mas havia sempre esperança em melhores dias... O êxito artístico ia-se mantendo e isso era o que importava. Isto aconteceu com a ida da Tuna à Galiza em 1924: em Betauzos tiveram de pôr cadeiras suplementares no Teatro, tal era o interesse em a ouvir. Nesse mesmo ano se deslocou, com sucesso, a Lamego e Vila Real.

O Orfeão estava num período de acalmia. Depois da Récita de Gala dada a 5 de Dezembro de 1922 no Teatro S. João, em honra dos Aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, — noite de vibração inolvidável, onde o entusiasmo patriótico da Academia atingiu o auge — foi baixando o termómetro orfeónico. Já, a custo, se lhe deu ânimo para a excursão a Vila do Conde a 29 de Abril de 1923. Mesmo assim, fiel à tradição, o nível artístico estava na mesma. Deu-se até, no espectáculo, um caso curioso: quando se cantava a «Morena» de João Arroio, a certa altura calou-se tudo simultâneamente; o dr. Clemente Ramos, que parara de reger, deu o *tom* e tudo pegou outra vez, como se nada fosse. No fim, ninguém tirava da cabeça à *malta*, que aquilo tinha sido combinação do regente com o camarada congénere de V. do Conde, pois os vira conversar antes.

Caíu, então, em letargia o Orfeão, em grande parte devido à partida do dr. C. Ramos para o Alentejo. Mas a actividade da Tuna fazia nascer, nos melhores orfeonistas, a ideia de o levantar outra vez.

Alguns rapazes mais animosos convidaram, no ano lectivo, 1924-25, o dr. João Antunes, tenor da Capela Sixtina e fundador do

---

([1]) Na realidade, o primeiro Orfeão Académico foi fundado em 1912, tendo então como regente Fernando Moutinho (embora se saiba terem existido já em 1864 algumas manifestações nesse mesmo sentido).

Falando com o Senhor Luciano Alegro de Magalhães, soubemos que o seu involuntário lapso se justifica numa deficiente informação, de cuja incorrecção só mais tarde tivera conhecimento.

Orfeão de Condeixa, a vir tomar a regência do Académico do Porto. Aceite o convite, um grande empenho teve, o novo regente, em levantar o moral da rapaziada, tanto mais que era-lhe grato dirigir rapazes de certa mentalidade, quando até aí se vira apenas com os seus *vacões* — como pitorescamente chamava aos homens de lavoura que, na sua totalidade compunham o Orfeão de Condeixa.

Porém, o milagre que conseguira pondo gente boçal a cantar, desde «O Senhor da Serra de Gouveia», «Passarinho trigueiro», «O Trevo» e «Eu não quero o teu cavalo» ao «Hino à Noite» de Beethoven, um «Coral» de Mendelssohn e outro da «Paixão Segundo S. Mateus» de Bach — esse milagre, diziamos, não se verificou com a actuação da pequena massa coral que acorrera ao brado de chamada, o que o desgostou profundamente. Posto que o número total de orfeonistas já permitisse a organização, os naipes não estavam proporcionados, facto que impedia, por completo, a função orfeónica.

Menos à opinião do dr. Clemente Ramos — que reconhecia a necessidade de nova camada académica, para frutificarem as iniciativas — do que aos festejos da Faculdade de Medicina que anteciparam os actos para 15 de Maio, se deve a quase não comparência aos ensaios.

Da tentativa feita, restava a boa vontade... E o contágio à Tuna deu-se : também, nesse ano, quedou silenciosa.

A energia de Modesto Osório é que não findara ainda : assim em 1926 fê-la ressurgir e a 30 de Abril dava no S. João um sarau, *comemorando o 15.º aniversário da fundação da Associação Académica e em homenagem aos seus ilustres sócios honorários Dr. Gomes Teixeira e Dr. Magalhães Lemos.* Dignou-se presidir à festa, a Ex.ma Senhora D. Fernanda Wanzeller, e fez o discurso de apresentação o então estudante, António Guimarães.

Foi a última vez que regeu o desventurado Modesto !

Em 22 de Abril de 1927, já sob a batuta de Manuel João Alves, uma fracção da Tuna partia com o 4.º ano médico para os Açores e Madeira. Viagem triunfal essa, sob todos os aspectos. Tocaram, num e noutro sentido do têrmo, nas principais cidades.

Em 1928 o Orfeão acordou do marasmo. Tomou a regência o *maestro* que o vira nascer. Outra passeata a Espanha começava a constar, e a rapaziada lá afluia aos ensaios.

— Barcelona ! Barcelona ! — era o grito unísono.

A estada de Eva Stachino aqui no Porto, no Teatro S. João, — a influência do idioma que falava era como uma miragem... — decidiu os manos, Tuna e Orfão, a colaborar num espectáculo com ela, a 22 de Março.

A 31 desse mesmo mês : Récita de Gala em honra do arrojado aviador Carlos Bleck sendo a Abertura, uma saudação patriótica pelo grande tribuno Dr. Leonardo Coimbra.

A vitalidade das massas, coral e tuna, era tanta que, entre estes dois recitais, a 23 de Março, se deslocou a Coimbra num complexo de verdadeira fraternidade académica.

Tudo ali foi grandioso, desde a espera na estação do Caminho de Ferro, até à partida ; a Academia irmã mostrou-se à altura dos seus pergaminhos.

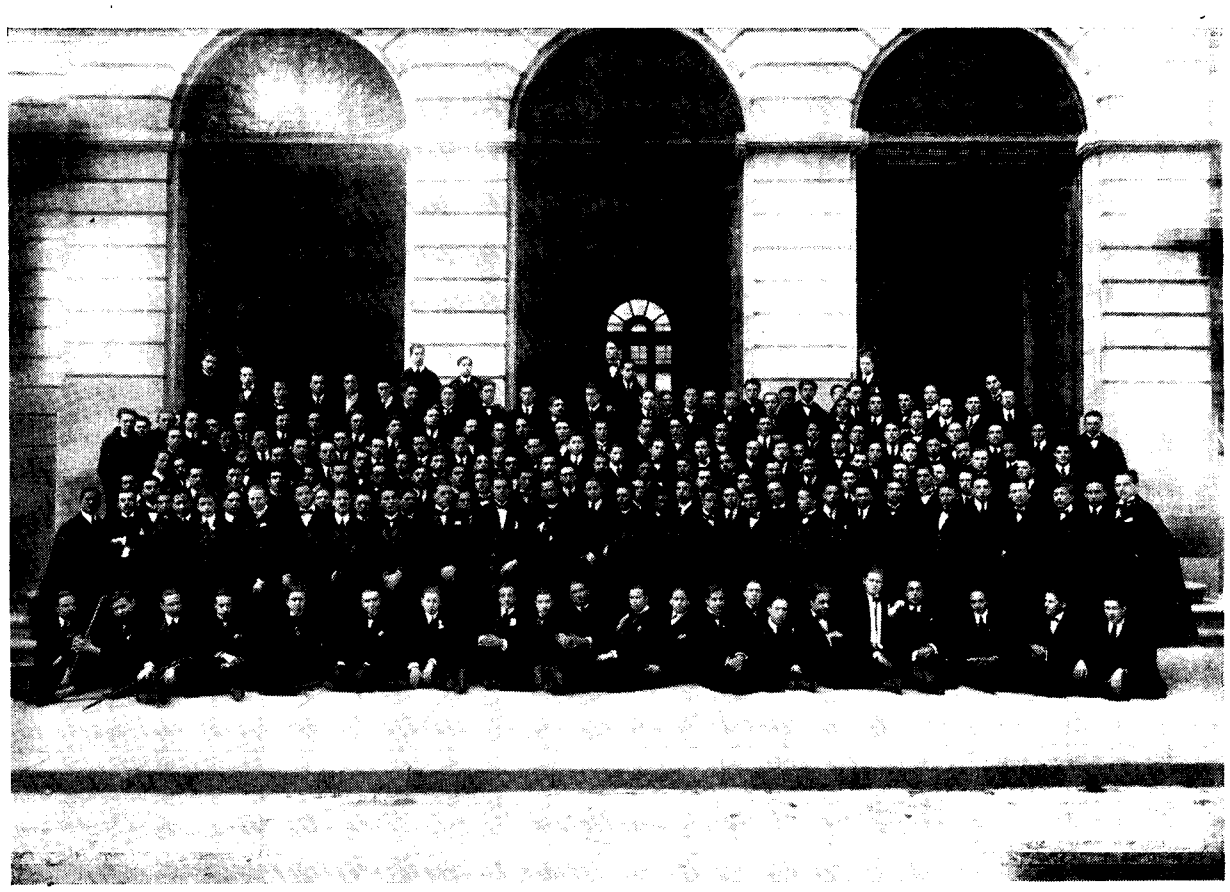
O cortejo, a que uma teimosa chuva miudinha pretendia tirar o relêvo, as recepções na Câmara Municipal, na Universidade e na Associação Académica, foram outras tantas manifestações de carinho que a mocidade portuense nunca esquecerá.

Na terra do mais antigo Orfeão Académico, confessa-se, havia um certo *trac,* por muito à vontade que os colegas coimbrãos tivessem posto os tripeiros. A actuação da Tuna foi brilhante. (A imparcialidade dos nossos colegas reconheceu-a como a melhor do País). A do Orfeão foi mais apagada ; *brilhante* tinha sido o *tom* do Amañecer de Eslava... Era peça extensa que acarretava a descida gradual da tonalidade, dadas as vozes não cultivadas dos rapazes. O Eng. Futuro Barroso deu-lhe remédio *ad hoc ;* da chuvada é que não pudera livrar os orfeonistas. É que não despegou em todo o dia ! Resultado : rouquidão em muitos 1.os Tenores, enquanto os Baixos descansavam...

Dessa grande parada de solidariedade académica ficaram gravadas impressões indeléveis em ambas as Academias. A Imprensa académica, como a VANGUARDA, a ela se referiu com palavras da maior simpatia.

Abril ! Chegara o mês. Manhã cedo de 12. Capas ao vento, fogo na alma, aí vai a embaixada ao país vizinho. Chega a madrugada e encontra os rapazes deambulando pelas ruas de Medina del Campo. Ainda não raiava o dia e já se punha o pé em Valladolid, primeira etapa da excursão.

Em pé, também, em frente da Direcção — o problema finan-



O Orfeão Académico de 1922

Ao centro vêm-se o Dr. Clemente Ramos e Modesto Osório regentes, respectivamente, do Orfeão e da Tuna

ceiro: havia *massa* para 3 dias e regresso até Barca de Alva. Enquanto dura, vida doçura...

As perturbações cardíacas da maioria eram de outra origem: as *señoritas!* Para mais, topa-se um académico de Coimbra que lá estivera, também em excursão, e que ia unir-se pelos sagrados laços...

A conselho das pessoas ajuizadas da terra, resolveu-se dar no «Teatro de Calderon de la Barca» *Funcion de gala em honor de Su Alteza Real el Infante don Jaime.* Eram mais uns dias que lá se estaria, com aprazimento dos académicos, e de resultados financeiros garantidos.

Domingo 15 de Abril de 1928 às 10 e meia, rompia a Tuna com a *Marcha Real Española.* A certa altura do programa — que, diga-se de passagem, foi todo executado de forma superior, a melhor de todas as audições, talvez pelo velho hábito de ser filha de um ensaio geral desastroso — surge no camarote o Infante e, com ele, a sala encheu-se. Desgraçadamente, as portas que se lhe abriram de par em par, deram entrada a muito «borlista».

O autor destas linhas, perdido no imenso casarão por desconhecer que a palavra *palco,* em espanhol, significa — camarote, tem presente ainda o *facies* do tesoureiro que encontrou ao sair da bilheteira. Lívido!

Vá de se fazer subscrição, pois, para trás ninguém queria voltar. Cruza-se em despedida o fio do «Douro» que banha a nossa terra, e eis-nos a cantar em 17 no Teatro Principal de Saragoça.

O circo ambulante alemão que levara as economias de Valladolid, tinha nas festas de Goya, aqui, a equivalente função material.

Não que faltassem homenagens, dos *Ayuntamientos,* recepções nas Faculdades, etc...., o vil metal é que não tinia. Mas tudo se havia de arranjar. Barcelona chamava-nos: era a Terra da Promissão. Lá, um grande meio, daria para tudo, por muitos festejos e circos que houvesse...

Toca a andar e a pisar as terras do percurso, Reus e Tarragona.

A primeira só se visitou; houve espectáculo apenas na segunda no «Salon Moderno». No dia imediato abalou-se para a grande urbe, aonde lhe surgimos debaixo do chão, em pleno coração: estação subterrânea do *Paseo de Gracia.*

Duas atitudes opostas nos esperavam: grande recepção, das personalidades barcelonesas em destaque e grande decepção, dos delegados enviados.

O panorama era este: não havia cartazes espalhados pela cidade, pois custavam umas tantas pesetas de imposto; e tocar-se-ia a *Marcha Real* por ordem do Cônsul. Este, que tomara a responsabilidade de tudo, alegava que era, para todos os efeitos uma embaixada intelectual portuguesa que ia a Espanha e que, portanto tinha de se lhe tocar o Hino.

O dono do teatro, por seu lado, dizia que a última vez que se executara, fôra por uma banda de Marinha inglesa que teve de ir, enquadrada pela Guarda Civil, para bordo...

— Os senhores escolham... Mas, pelo menos, não a anunciem no programa.

Vinte e sete pessoas ocuparam lugares no *Palacio de la Musica Catalana.* É fácil tirar a prova...

Pensou-se imediatamente na retirada. Porém a solicitude e desvêlo de um português, o sr. Albano Moreira da Silva, conseguiu que os representantes da sua Pátria tivessem ambiente condigno.

Às onze horas da manhã (!) de um Domingo, o dia 22 desse Abril, longas «bichas» procuravam bilhete para o *Teatro Catalán Novedades.* Casa à cunha. Tocaram-se os dois Hinos, o deles e o nosso. O espectáculo agradou completamente. A pedido geral repetiu-se, no fim, «A Portuguesa». Enquanto o público debandava, notou-se certo agrupamento que discutia. O reitor da Universidade fazia parte dele. Que era? Achavam que tinha sido, da nossa parte, uma falta de cortesia não repetir a *Marcha Real,* uma vez que voltámos a tocar o nosso hino.

Fossem lá percebê-los!...

Já tinham, os orfeonistas, recebido a *novedad* de que teriam de entrar com 302$00 de indemnização ao Estado, e ainda a Tuna que por lá andava nos seus «raids» habituais.

Em Reus, aonde prometera voltar, fez sucesso.

Duas festas em benefício do Hospital de Santa Maria, a 5 e 6 de Maio desse ano, voltaram a reunir os dois grupos. Fechado que foi o pano, uns emudeceram, outros guardaram os instrumentos.

Em Fevereiro de 1930 o Orfeão ainda teve pruridos de organização. Foi convidado o sr. Amadeu Santos para tentar erguê-lo. Mas, Barcelona fôra o canto do cisne.

Março, de 1937

Luciano Alegro de Magalhães

O. R. S. E. C.

Oficinas de Rádio, Som, Electricidade e Cinema, Ltd.

Rua de Cedofeita, 452 — PORTO

Uma casa especializada há 25 anos em Rádio e Electricidade.

Higienisação de Leite

Fabricação de Lacticínios

SEDE:

Pr. Guilherme Gomes Fernandes, 49

Telef. 24303

P O R T O

Modesto Osório

Quando se fala na Tuna Académica do Porto, vem logo à mente o nome daquele que foi o seu grande dirigente e maior entusiasta: o Engenheiro Belarmino Modesto Pinto Osório.

Recordá-lo é um dever, sempre que homenageamos os pioneiros do actual Orfeão Universitário. Foi por esse motivo que procuramos o distinto clínico portuense Doutor António da Silva Paúl que, como amigo dedicado de Modesto Osório, nos poderia esclarecer sobre a sua vida e a sua obra. Não esqueceremos nunca a maneira simpática e prestante como foi acolhido o nosso desejo; mas também não se apagará da nossa memória tudo aquilo que, divagando em amena mas conceituosa conversa, nos disse o Doutor António Paúl, sobre o que entendia ser a verdadeira vida académica e o perfeito estudante. Recordou coisas do seu tempo de escolar; referiu-se a cenas e factos ligados à sua vida de tuno; falou muito e com saudade de Modesto Osório; desenhou, sempre buscando o paradigma do seu tempo, o verdadeiro contorno moral e intelectual do estudante; contou-nos coisas tão maravilhosas que nós viemos de lá quase com pena de não ter vivido essa época de tão palpitante vida académica. O ilustre clínico que continua a dar provas da sua dedicação e carinho pelos estudantes como médico — e é o mais antigo — do Centro Universitário, imediatamente pôs ao nosso dispor a sua valiosa colecção de recordações do tempo em que à Tuna Académica prestou a sua colaboração (1917-1924). Lá fomos encontrar o original do discurso brilhante que proferiu em 12-5-1938, no Salão Nobre da Universidade do Porto. Nessa data, promovida pela Direcção da Tuna Universitária do Porto, realizou-se uma sessão de homenagem ao então Reitor da Universidade, Prof. José Pereira Salgado, e a outras personalidades a quem muito devia, destacando-se entre elas, com a maior saudade, o Eng. Modesto Osório. Falaram nesta sessão: o Prof. Oliveira Lima, vice-reitor, que em nome e a pedido de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, impossibilitado de assistir, deu a presidência daquela sessão solene ao Senhor Reitor da Universidade; o Dr. Paulo Pombo, então presidente da Direcção da Tuna, que, ao referir-se à obra de Modesto Osório, afirmou: «Quando uma pessoa, morta no início da sua vida, consegue deixar uma memória tão pura e perfeita neste mundo transitório e imperfeito, muito deve ter valido!»; o Prof. Marques de Carvalho, antigo presidente da Academia do Porto; o Doutor António Paúl, incumbido de focar a personalidade de Modesto Osório, «seu companheiro na vida académica e que trouxe para a Universidade do Porto, por intermédio da Tuna, que muito dedicada e proficientemente dirigia, horas de triunfo inolvidáveis»; o Reitor, Prof. Pereira Salgado, e o antigo e valioso elemento da Tuna Sr. Mário Delgado, para agradecer em nome da família de Modesto Osório as homenagens que lhe eram prestadas.

No discurso que o Doutor António Paúl pronunciou, embora não tivesse sido muito extenso, disse o suficiente para se ficar a conhecer bem o bondoso e competente orfeonista e tuno, Eng. Modesto Osório. Agradecendo ao Dr. António Paúl a oferta daquele original, vamos publicá-lo na íntegra:

Modesto Osório

Ex.mo Senhor Reitor da Universidade do Porto
Ex.mas Autoridades
Ex.mos Professores
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Aceitei com vivo agrado o convite da direcção da Tuna Universitária do Porto, embora a minha nula vocação oratória não pudesse corresponder às responsabilidades do encargo, certamente melindroso. Porém, a oportunidade que se me oferecia de auxiliar a justa homenagem a prestar a Modesto Osório estimulou-me o ânimo para descobrir forças em tão grato e difícil cometimento, já que as não podia encontrar no valor pessoal.

Perdoai-me, Senhores, e ouvi as minhas palavras, não como acto de retórica, mas sòmente como narrativa singela d'alguns passos da vida de quem merecia voz que mais e melhor os soubesse expôr.

Belarmino Modesto Pinto Osório nasceu na airosa vila de Mirandela, em 29 de Dezembro de 1898. Seu pai, honesto e exemplar Chefe de Tracção das Oficinas da linha do Tua a Mirandela, embora com muitas dificuldades, mandou-o para Viseu estudar o curso liceal, por efeito de perceber as faculdades intelectivas do filho. O jovem estudante, sentindo o dever de bem retribuir esta prova de amizade paternal, acumulou no mesmo ano as disciplinas da 1.ª à 3.ª classe, e tal façanha repetiu no seguinte ano lectivo, em que cursou a 4.ª e a 5.ª. Para maior gosto dos Pais, terminou estes exames com distinções, as quais continuou a merecer nas outras classes. Contribuiram esses factos para ele obter uma bolsa de estudo e isso lhe permitiu conseguir o curso universitário sem onus para os seus e com alegria para si próprio. Quantas vezes, dentro da modéstia que o caracterizava, ele me comunicou o seu contentamento ao ver realizar-se o plano de estudos que tinha traçado, obtido apenas à custa do trabalho e da perseverança! Isto refiro porque Modesto Osório é quase só conhecido a dentro da arte musical. A sua sentimentalidade e o seu valor intelectivo e moral são quase limitados pela crítica ao facto de ter sido regente da Tuna Académica do Porto e em tal cargo haver evidenciado o seu espírito generoso e artístico. Se a morte o não bafejasse tão prematuramente, seria possível que hoje,

ao atravessar esta época de egoísmos ferozes e de invejas hipertrofiadas, ele bem-dissesse o destino fortunoso que o guiou até ao Porto numa hora propícia — na hora em que um grupo de estudantes artistas intentava o ressurgimento da Tuna Académica, de mui gloriosas tradições. Bem-diria ele essa casualidade, a qual auspiciou a voga do seu nome e, como consequência merecida, contribuiu para que Modesto Osório fosse estimado pessoal e artìsticamente. Se não fosse isso ficaria decerto, como muitos, conhecido apenas pelos íntimos, sonhando com bonitos projectos, próprios dos seres perfeitos, e de cuja irrealização só se convencem quando os anos e os homens duramente lhes provam que a vida é uma luta desigual e sem fim...

Vê-se, portanto, neste princípio da carreira académica de Modesto Osório, que ele cumpria os preceitos de ser bom filho e bom estudante.

Em 1916 matriculou-se na Faculdade de Ciências da Universidade Portuense; porém, no ano lectivo de 1919-20 transitou para a Faculdade de Engenharia, onde se inscreveu nos cursos de engenharia mecânica e electrotécnica. Sem nenhuma reprovação e, até, com algumas distinções, concluiu o curso de engenheiro mecânico em 1923, não acabando o de electrotécnica pela falta a exame de uma cadeira. Foi neste último período da sua vida escolar que Modesto Osório entrou para a Tuna Académica. Motivou este ingresso a sua presença no Orfeão Académico do Porto que era regido superior e distintamente pelo Dr. Clemente Ramos; em breve aí tornou evidentes os seus dotes artísticos como chefe da corda dos Baixos. Imediatamente foi escolhido para reger a Tuna, que então se limitava a

A Tuna Académica de 1922

valores dispersos e sem orientação. A disciplina risonha do jóvem estudante de engenharia e a perspectiva duma viagem a Madrid, conseguiram juntar os estudantes músicos por ciência ou por vocação e permitiram a organização de um pequeno núcleo, o qual, apesar de modesto, como o nome do seu regente, impôs o seu valor, prestigiando quer os seus componentes quer o Centro Académico a que pertenciam.

Posso afirmar, sem temor dum desmentido, que, mais que a miragem dum belo passeio, conseguia milagres a orientação do regente. Ao ver a paciência com que ele ensinava a tocar os que não conheciam música, impedindo-os de tocar de ouvido, por meio de uns sinais especiais (os quais marcavam notas ou acordes), nós, os que alguns conhecimentos tinhamos, sentiamo-nos admirados com a sua intuição artística e didática! Maior seria tal admiração se, porventura, soubéssemos que muito minguados eram os seus estudos musicais. Efectivamente, estes eram elementares. Havia-os adquirido nos tempos liceais de Viseu, como elemento da Tuna Académica local, de que fôra regente Alberto Cunha, subchefe da banda regimental de infantaria 14. Foi essa a pequena escola musical de Modesto Osório.

Era o violino, de todos os instrumentos, o seu predilecto e manejava-o como artista conhecedor do mesmo e da música. Porém, tocava quase todos os outros, *por música*, sendo vulgar vê-lo ensinar-nos com o instrumento que possuiamos e conheciamos, mostrar-nos como se dava um acorde ou se marcava um compasso de interpretação mais difícil! Um dia — num ensaio da Tuna em que apareceram poucos elementos, o que, afinal, era da praxe — desejoso de mostrar como se devia executar um trecho da partitura, mas não querendo quebrar a disciplina nem que nenhum dos presentes deixasse o seu instrumento, sacou do bolso um flautim de lata, dos que se vendem nas feiras, e com uma habilidade quase inconcebível modelou magistralmente o que desejava que nós compreendessemos...

Era também interessante vê-lo compôr música. «O Fox-trot» que ele incluiu na Revista Académica da sua autoria «*Pontos e vírgulas*», representada no Entrudo de 1923, foi escrito com rapidez digna de especial menção.

Como regente da Tuna, levou-a, juntamente com o Orfeão, a Madrid, faz neste mês precisamente 16 anos (14 a 18 de Maio de 1922). Antes, para habituar os tunos — realmente era difícil juntar num ensaio geral todos os componentes da Tuna — apresentou-nos em duas récitas no Teatro de S. João, onde o Grupo Cénico, o Orfeão e a Tuna lograram retumbante êxito. Aí colheu os primeiros louros, não só pela orientada regência como pela apresentação de duas rapsódias da sua autoria, que intitulou «Alma Portuguesa».

Em Espanha, de triunfo em triunfo, o Orfeão e a Tuna deixaram a sua passagem bem vincada com um espectáculo ao ar livre, extra-programa, realizado no Jardim del Retiro, em Madrid, cujo produto, no valor de milhares de pesetas, reverteu integralmente a favor dos pobres daquela cidade.

Novamente em Portugal, com o Orfeão um tanto desorganizado pela saída do seu regente, a Tuna vivia quase animada por meia dúzia de apaixonados, à frente dos quais se encontrava o Modesto Osório. Esse fervor concorreu para a realização de algumas récitas em Portugal e na Galiza, cujos resultados financeiros foram desastrosos, embora os seus êxitos artísticos fossem cada vez maiores. Aqui, como na ciência, nem sempre a matéria e o espírito andam de mãos dadas... Apesar disso e do desânimo que invadia os tunos, Modesto Osório, em 1926, num esforço supremo, conseguiu efectuar em 30 de Abril um sarau no S. João, para comemorar «o décimo quinto aniversário da fundação da Associação Académica e em homenagem aos seus ilustres sócios honorários Doutores Gomes Teixeira e Magalhães Lemos». Foi esta a última vez que ele regeu a Tuna...

Tempos decorreram e absorveu-lhe os cuidados a vida profissional. Um dia, ao desempenhar um serviço da Câmara Municipal de Espinho, da qual era engenheiro desde 1926, violenta bátega o enxarcou. Sobreveio-lhe uma tuberculose pulmonar galopante, que se declarou em 8 de Janeiro de 1927 e o vitimou em 18 de Abril do mesmo ano. Assim se perdia um homem, um artista e um carácter...

Minhas Senhoras
Meus Senhores

Teria ainda muito que dizer para que homenagem condigna se prestasse ao desventurado Modesto Osório. O medo de vos fatigar obriga-me a resumir mais alguns factos que servirão de moldura ao quadro de ténues coloridos que deixei esboçado. Linhas e volumes de mau traço, porque o pintor é inhábil, conquanto sincero e verídico.

Modesto Osório, não foi só estudante e músico; também tentou as letras. Assim, escreveu alguns artigos no *Porto Académico* sobre músicos célebres, além doutros, cujo paradeiro desconheço.

Todavia, constituiu a música a sua paixão, a sua vocação. A mais dos trabalhos já citados, conheço ainda da sua autoria: «Alma Portuguesa», (1.ª rapsódia), «Académico» (passo dobrado), «Porto-Madrid» (marcha), «Rapsódia de cantos portugueses», «A tua serenata» e «Rapsódia Portuguesa», as duas últimas para Tuna e Orfeon.

A revista Académica «*Pontos e vírgulas*», escrita por Adalberto Mendo e Augusto Farinas (Porto, S. João 8 e 9-11-23), foi toda musicada por ele. Igualmente musicou quase na totalidade, apesar da boa colaboração de Fausto Guedes de Oliveira, a opereta *Adeus*, em 1 prólogo e 3 actos, da autoria de Abílio de Mesquita. Esta opereta foi representada no Teatro de S. João, do Porto, em 31-3-1924, tendo sido regida por Modesto Osório a orquestra de profissionais, que nela tomou parte.

É curioso notar que nos seus antecedentes não encontrei vocação idêntica, embora o pai fosse um pequeno executante.

A par duma bonhomia incomensurável revelava energia, quando era preciso. Um pequeno episódio sucedido na visita da Tuna à Galiza demonstra esta minha afirmação: estávamos na Corunha, depois de uma récita em que o teatro se apresentou vazio. Pouco tempo antes nele estivera uma Tuna congénere, cujo comportamento não fora correcto. Daí resultou aumento de despesa e falta de uma receita, que era imprescindível. Modesto reuniu os componentes mais categorizados da Tuna e do Orfeão e pediu-lhes conselho quanto a continuar a viagem ou regressar a Portugal. Todos alvitraram mas ninguém decidia. Então Modesto, nervoso e com o fulgor que lhe brilhava nos olhos em momentos de gravidade, dando um murro na mesa, decidiu dictatorialmente: «*continuaremos e tudo nos correrá bem*». E sob a sua decisão continuamos, o que permitiu debelar bastante o «déficit» existente.

Outro pequeno episódio, de feição anedótica, cumpre lembrar como característica da dita bonhomia e da sua ingenuidade. Por qualquer motivo, o Prof. Gomes Teixeira havia-lhe escrito uma carta e nela, com liberal generosidade, alguns encómios lhe testemunhara, rematando-a com a fórmula cortês de «seu colega, amigo, at.º vdor. e obg.º».

Modesto Osório nunca largava essa carta. Parecia um talisman no seu bolso, da qual a miúde saía para embasbacar os que aludiam, por gracejo, à sua situação de engenheiro «in partibus», isto é, sem trabalho. Os primeiros tempos profissionais são sempre difíceis. Modesto Osório ouvia os gracejos impàvidamente. Depois, sacava do bolso a carta maravilhosa e, com orgulho risonho, impunha a leitura da mesma, «a leitura da carta do seu «Colega», Professor Doutor Gomes Teixeira».

Apesar da sua ideologia monárquica, era tolerante e compreendia a vida, política e socialmente. Como Director e depois Presidente da Asso-

ciação Académica (1920 a 1922), numa época de républicanismo agudo, foi sempre correcto e oportuno, sem abdicar dos seus princípios ou ideias. Punha acima dos seus interesses os das colectividades e dos amigos a quem servia. Que bom exemplo de dignidade e humanidade!...

A bandeira da Tuna Académica, que data de 1900, obteve com a sua direcção homenagens das mais valiosas e mais expressivas para o nosso País. Entre essas homenagens tomaram certo vulto as realizadas na Galiza onde poetas e prosadores vibraram com a apresentação da nossa Tuna. Apenas para mostrar o valor destas embaixadas académicas de que Modesto Osório era apaixonado, lerei uma poesia que José Maria de la Fuente, escritor galego, publicou no jornal *Diário de Galícia*, de 1 de Maio de 1924, sob a epígrafe «GALICIA e PORTUGAL»:

À TUNA ACADÉMICA DO PORTO:

«Da saudade no seo bretemoso
Galicia e Portugal xuntos naceron;
por berce a mesma terra ambos tiveron
y-o mesmo mar os arrolóu mimoso.
Y-anque dimpois ¡ouh tempo ben odioso!
alonxados viviron e creceron,
do seu amor arelas padeceron
y-o novo idilio escomenzou grorioso.
E Galicia, a fermosa princesiña,
aló n-unha dourada mañanciña
deulle un bico de amor a Portugal:
queimaba o Sol; o vento caladiño,
y-erguéndose do leito, o velho Miño
botoulles ledo a bendición nupcial».

Modesto Osório foi, muito justamente, nomeado sócio honorário da Associação dos Estudantes do Porto, em Assembleia Geral de Dezembro (?) de 1923.

Falecido em vésperas de noivado, deixou saudades nos seus amigos e, até, nos que o conheceram só de nome. Entre as bem merecidas homenagens que lhe têm sido prestadas distinguiu-se a da Tuna actual, que o tomou como patrono da sua Caixa de Beneficência. A comemoração de hoje atinge especial relevo pelo ambiente que a reveste e por homenagear ao mesmo tempo duas pessoas que, em campos diferentes, são dignas da nossa admiração e do nosso carinho.

Estudantes:

A música é uma arte sublime que honra quem a pratica ou a aprecia.

Se pudesseis ter a felicidade de ouvir o nosso bom amigo ausente, ausente nas vagas regiões do mistério, certamente ficarieis convencidos de que a arte como a ciência são tanto mais ideais quanto mais perfeitos são os homens que as servem.

Modesto Osório pode tomar-se como modelo de estudante português, boémio e bom, um tanto sonhador, sem deixar de cumprir fielmente as obrigações que a Academia e a Sociedade lhe exigiam.

A festa de hoje perdurará e terá remate condigno se vos lembrardes sempre do Modesto Osório: que ele não seja apenas o patrono da vossa Tuna, mas um exemplo que vós tentareis seguir.

12 de Maio de 1938

ANTÓNIO PAÚL

Antigo Orfeonista. Usa o emblema do teu Orfeão

UNIVERSAL

Sociedade de Aços, Máquinas e Ferramentas, Lda.

AÇOS FINOS

Máquinas—Ferramentas

Material para Construção Civil

PORTO: — **Sede** — Rua de Ceuta 31-33
Telef. 25045-25046
Filial — Rua Sá da Bandeira, 534
Telef. 32331
LISBOA: — **Filial** — Rua de S. Paulo, 85-87

O reaparecimento do Orfeão e da Tuna, quando da comemoração do Centenário da Academia Politécnica e da Escola Médico-Cirúrgica do Porto

pelo *Dr. Angelo César Alves das Neves*

Estávamos em Fevereiro de 1937.

Tinham já chegado até nós notícias das comemorações, efectuadas e a efectuar em Lisboa e Coimbra, pela passagem do centenário da Reforma das suas escolas superiores, promulgada por Passos Manuel.

No Porto, ninguém se pronunciara até então, pois não lhe fora concedida ainda dotação para esse efeito.

Na tarde de segunda-feira de Carnaval, 8 de Fevereiro, um grupo de estudantes universitários reuniu-se num corredor da Faculdade de Ciências, quase à porta do Instituto de Botânica; trocaram-se nessa ocasião impressões sobre tal assunto, e tomaram-se algumas deliberações, que foram de largo alcance.

Todos se mostravam desgostosos por verem que uma efeméride tão importante poderia ficar ignorada. Todos estavam de acordo em considerarem injusto esse silêncio e em reconhecerem a necessidade da Academia se manifestar, mesmo se outras entidades não o fizessem. Não havia dinheiro, mas arranjar-se-ia.

Por entre ditos de espírito surgiam alvitres curiosos, através de frases chistosas apareciam ideias interessantes. Ora vinham palavras de desânimo, ora se pronunciavam animosas palavras e se faziam sugestões de determinados actos comemorativos, logo seguidas da dúvida quanto à sua realização.

Discutiu-se por bastante tempo, em excelente convívio de rapazes alegres e amigos. Entre outras, uma sugestão houvera que convem registar; a da organização de coros de estudantes para colaborarem num possível sarau.

Tornava-se, porém, necessário saber se seria possível, em prazo tão curto, pôr a cantar um grupo de algumas dezenas de estudantes. Para isso era conveniente consultar alguém que tivesse competência especial e, em caso afirmativo, ver se aceitaria esse encargo. Citaram-se nomes de regentes de orfeões, e por último decidiu-se que um desses rapazes, o signatário, fosse a casa do Maestro Afonso Valentim ouvir sua autorizada opinião e procurasse convencê-lo de que não se lhe pedia um programa de responsabilidade, em virtude do pouco tempo de que se dispunha para o preparar e por forma a evitar a sua escusa.

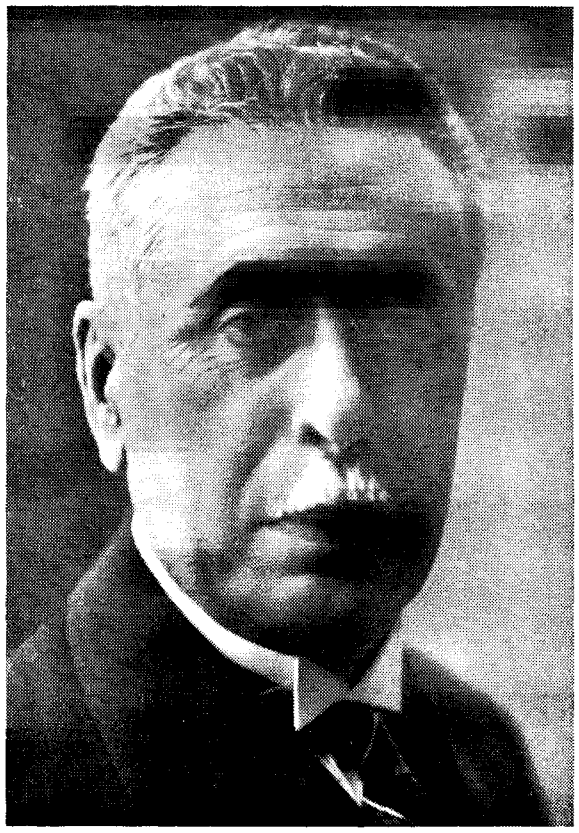
Enfim, quando esse grupo de rapazes saiu da Faculdade e se dispersou pela Cidade, havia já um programa sumário de prováveis festas, e cada um tinha uma pequena missão a cumprir.

Procurado efectivamente o Maestro Afonso Valentim, a quem se expôs a pretensão dos estudantes, mostrou-se um tanto sensibilizado com a escolha da sua pessoa para dar esse conselho e tomar tal incumbência. Considerou a extrema escassez de tempo, cerca de 2 meses, mas, num gesto de Artista, prontificou-se a tentar a experiência. Regressando contente com a resposta, foi esta logo transmitida aos que a aguardavam.

O Senado universitário anunciou então pùblicamente o plano de comemorações oficiais, que iria realizar.

Novas reuniões se efectuaram, cada vez com maior número de estudantes, algumas delas de vulto, em que participavam alunos das quatro Faculdades. Muito se discutiu e bastante se progrediu. Ràpidamente nasceu e alastrou o entusiasmo pelas festas do Centenário da criação da Academia Politécnica e da Escola Médico-Cirúrgica do Porto.

Entretanto formavam-se comissões de estudantes, encarregadas da organização das festas projectadas. Os académicos António Augusto de Sousa Taveira, hoje distinto 1.º Assistente, encarregado de curso, da Faculdade de Engenharia, e Manuel João Sales Belo Catarino, aluno da Faculdade de Farmácia, foram designados para constituirem a Comissão do Orfeão.



Prof. Doutor José Pereira Salgado

Uma vez estabelecido o programa definitivo das festas do Centenário, foi convidado o Maestro Afonso Valentim a reger os coros, convite que lhe foi anunciado pelo mesmo emissário e feito oficialmente pelo ilustre Reitor da Universidade, Sr. Prof. Dr. José Pereira Salgado, a pedido da Comissão Central dos estudantes.

É claro que eram precisas mais algumas condições para se poder começar. Assim, abriram-se inscrições para orfeonistas, conseguiu-se uma sala, alugou-se um piano, em breve substituído por um magnífico orgão-harmonium gentilmente emprestado pelos Pais do orfeonista Hernâni de Oliveira, o Maestro trouxe músicas, etc.

De todas as Faculdades vinham adesões. Experimentavam-se vozes, algumas por sinal de belo timbre, começavam-se os ensaios duma grande massa coral.

Era de notar a animação que reinava entre toda aquela gente, incluindo o próprio Maestro.

O Orfeão apresentava uma característica nova, quanto aos agrupamentos anteriores — a inclusão de naipes femininos.

Após os primeiros ensaios, alguns orfeonistas, por sugestão do preclaro Reitor, consultaram o Maestro Afonso Valentim, quanto à possibilidade de organizarem uma orquestra de estudantes.

De novo, considerou o facto de haver pouco tempo, mas animado com o desejo dos estudantes, acedeu amàvelmente ao convite que a seguir lhe fizeram.

E logo se ofereceram muitos rapazes, entre os quais excelentes elementos para um conjunto instrumental.

O Maestro trouxe partituras, e logo se começou a trabalhar.

Eram, afinal, o Orfeão e a Tuna Académicos que ressurgiam após tantos anos!

Foi então escolhido o estudante de preparatórios de Engenharia Francisco Clemente Saraiva Caldeira para auxiliar os outros membros da Comissão, que passou a ser do Orfeão e Tuna.

Havia uma grande força de vontade, muita confiança e imenso e indestrutível entusiasmo. Ensaiou-se com afinco, horas seguidas, de grande esforço para todos, regente e orfeonistas, maestro e tunos.

A Reitoria, de acordo com as Direcções das Faculdades, resolveu em certa altura conceder uma semana de férias, a semana imediatamente anterior às férias da Páscoa, para que os membros das Comissões de estudantes e todos os seus colegas pudessem trabalhar à vontade, adiantando os preparativos das festas.

Esses dias que antecederam as comemorações foram para o Orfeão e a Tuna de grande aproveitamento, mas verdadeiramente exaustivos.

Aliás, quase todos os estudantes da Universidade compartilhavam de uma ou mais das variadíssimas tarefas da organização dos actos comemorativos do Centenário

Finalmente chegou a data das comemorações.

Iniciavam-se por uma imponente e deslumbrante marcha luminosa, seguiam-se solenidades oficiais, com a presença do Chefe do Estado e Ministros, visitas às Faculdades, actividades culturais e artísticas, romagens, festejos académicos, bailes, desafios desportivos e até a chegada tradicional de altas personalidades — desta vez uma luzida e impecável «Embaixada intelectual, constituída por sábios da Antiguidade Clássica e da Idade Média».

Na noite de 13 de Abril, efectuou-se no Teatro Rivoli uma brilhante Récita de Gala, em que se apresentaram pela primeira vez os novos Orfeão e Tuna Académicos.

Grande espectativa. Casa cheiíssima, com a assistência do Ministro da Educação Nacional e de todas as autoridades oficiais, professores, personalidades de relevo, etc.

O académico José Beires declama o Prólogo da Récita, da autoria do malogrado amigo José da Mota Monteiro, o estudante da Universidade que, como membro da Comissão Central, mais intensamente *viveu* a organização das Festas do Centenário.

Abre-se o pano e o Orfeão, bem enquadrado no palco, à frente as alunas da Universidade, que dele participavam, ostentando lindos vestidos de noite num friso de cores variegadas, atrás perfilados os estudantes de capa e batina.

O Reitor da Universidade faz o discurso de abertura do espectáculo e de apresentação do Orfeão e da Tuna, os quais, graças ao seu maestro, em poucas semanas tinham conseguido renascer.

Rompem os acordes de «A Portuguesa». Palmas, vivas, muitas palmas.

Segue-se o resto do programa.

Primeiro o Orfeão, depois a Tuna interpretam primorosamente os seus escolhidos e apurados repertórios, constituidos por trechos difíceis e de responsabilidade. Muitos e muitos aplausos e calorosos bravos. No final de cada parte, espectadores, orfeonistas e

O Orfeão que tomou parte no célebre Sarau efectuado em 13 de Abril de 1937, no Teatro Rivoli

tunos tributam ao maestro um demorada ovação. O Sr. Ministro, por sua vez, felicita-o efusivamente.

E o espectáculo continua até a madrugada, com teatro, fados, guitarradas, tangos, canções, variedades, etc. Depois baile.

Uma noite inesquecível!

Num encantador Sarau literário-musical, efectuado no Salão Nobre da Faculdade de Ciências, na sexta-feira seguinte, 16 de Abril, a Tuna Académica far-se-ia ainda ouvir com pleno agrado, enquanto ao Orfeão Académico estava reservada a sua participação num festival do Palácio de Cristal, com que se encerrariam as comemorações. Uma chuva inesperada veio interromper a sua audição ao ar livre, quase no início.

Nada se exagera em louvar não só a competência como a tenacidade do Maestro Afonso Valentim na preparação destes conjuntos artísticos, em tão exíguo prazo.

Seja-nos permitida ainda uma referência ao Centenário.

No princípio não havia dinheiro, dificuldade quase intransponível. Pois bem, os estudantes foram-no angariar pelos estabelecimentos comerciais, bancários e industriais, etc., para poderem fazer face às grandes despesas. Depois veio a dotação oficial para a Universidade.

Realizaram-se festas grandiosas, dignas da Instituição e do magno evento, tendo-se verificado no final um bom saldo. Este dinheiro foi entregue ao ilustre Reitor, para com ele iniciar um fundo destinado à construção dum monumento aos estudantes da Universidade que morreram na Grande Guerra.

Mais tarde, uma conversa do então Director da Faculdade de Ciências, Sr. Prof. Dr. Américo Pires de Lima, com o notável escultor Mestre João da Silva, originou a feliz solução deste assunto, pois o distintíssimo Artista interessou-se tanto por esta ideia que se propôs generosamente executar a obra.

E hoje, é-nos dado admirar no átrio da Faculdade de Ciências esse belo e expressivo monumento, consagração de estudantes universitários a outros que sacrificaram suas vidas em terras distantes no cumprimento do Dever.

Após as festas, prosseguiram os ensaios destes agrupamentos artísticos. A Tuna separou-se do Orfeão, passando a ter uma Direcção própria. No ano lectivo seguinte, dois estudantes de Medicina propuseram-se dirigir o Orfeão, mas em determinado momento desistiram.

Prepararam-se eleições para os primeiros Corpos Gerentes do Orfeão Académico da Universidade do Porto, como então se intitulava, as quais vieram a efectuar-se em 22 de Fevereiro de 1938, tendo sido aprovada a lista seguinte:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — José Alves da Rocha Beleza
1.º Secretário — Armando da Costa Faria
2.º » — Cândido António da Silva

DIRECÇÃO

Presidente — Ângelo César Alves das Neves
Vice-Presidente — Manuel Álvaro Alves de Oliveira Braga
1.º Secretário — Arlindo Freixo
2.º » — Emílio Germano Rodrigues
Tesoureiro — Mário de Medeiros Morais
Vogal — António Augusto de Sousa Taveira
— Manuel João Sales Belo Catarino

SUBSTITUTOS

Alberto Mendonça
Amadeu Peixoto Geraldes Calvino
Augusto César Ferraz de Liz
Aureliano Baptista da Fonseca

CONSELHO FISCAL

Adelaide Constantino.
Elmina Rodrigues Monteiro Tedim
Luís Ribeiro de Andrade

Em 29 de Março de 1938, realizou-se uma sentida homenagem à memória do grande botânico e distinto folclorista Prof. Dr. Gonçalo Sampaio, catedrático da Faculdade de Ciências recentemente falecido.

De tarde, houve uma romagem ao túmulo do ilustre cientista no Cemitério de Agramonte. Aí, o Reitor da Universidade, Sr. Prof. Dr. Pereira Salgado, pronunciou algumas palavras de saudade a respeito daquele que fora seu colega na cátedra. O Orfeão entoou um trecho «Misericórdia Senhor!», recolhido pelo falecido professor, e o quintanista de Medicina Luís Ribeiro de Andrade leu uma poesia expressamente escrita para este acto.

À noite, no Salão Nobre da Faculdade de Ciências, efectuou-se uma audição de música popular portuguesa, registada no Cancioneiro Minhoto do eminente folclorista.

O Sr. Prof. Dr. Américo Pires de Lima, então Director desta Faculdade e sucessor do grande botânico na Direcção do respectivo Instituto, pronunciou o elogio académico do Mestre.

Um orfeonista leu um trabalho do Maestro Afonso Valentim, estudo musical de ordem técnica, sobre a obra do folclorista consagrado. Seguiu-se a interpretação das diversas composições, a qual constituiu mais um êxito para o Orfeão.

Assim se reatava uma grata tradição académica. O Orfeão, que outrora tanta vez obtivera merecidos louros, nos tempos de Fernando Moutinho, Padre Dr. Clemente Ramos e Eng.º Futuro Barroso, voltara a aparecer, merecendo do público e da crítica aplausos e louvores. Os estudantes poderiam continuar a dar largas ao seu espírito jovem, sem dúvida, mas cultivando-se simultâneamente, adquirindo conhecimentos musicais, apurando o gosto e o ouvido e, quando davam os seus concertos, divulgando trechos clássicos ou folclóricos.

Por toda a parte se nota o desenvolvimento do canto coral, como complemento da educação do indivíduo, no que respeita à sua sensibilidade

Os estudantes universitários tinham vantagem em praticá-lo e demonstravam excelentes aptidões para ele. Mas, além de ser um bom método de iniciação artística, vinha ao encontro duma salutar tradição académica — associando estudantes para a organização de belas festas de arte e mocidade, que deixavam gratas e perduráveis recordações.

Pelo Ministro da Educação Nacional foi concedida, ao terminar esse ano lectivo, uma bolsa de estudo ao Director Artístico do Orfeão, tendo o Maestro Afonso Valentim seguido para Itália, onde frequentou centros musicais e onde conviveu com outros maestros e compositores, valorizando assim os seus conhecimentos e as suas invulgares qualidades artísticas.

Outras direcções vieram depois, e o Orfeão continuou a singrar o seu ascendente caminho de êxitos, proporcionando excelentes concertos e interessantes actos de variedades. A sua carreira não mais se deteve e felizmente para todos — para os seus componentes, para aqueles que o têm ido apreciar, para a Universidade, onde constitue um foco de irradiação de Cultura, Beleza, Alegria, Juventude.

Difundindo seus benefícios por todos, é para a Academia, a que continua dando elevação e prestígio, um dos seus meios de agregação e reunião, fomentando duradoiras amizades e franca e solícita camaradagem, desenvolvendo ainda louvável acção de benemerência, concedendo bolsas de estudo a alunos pobres e dando subsídios a casas de caridade.

Em todas as épocas, os agrupamentos musicais da Academia mereceram a simpatia dos lentes e dos Reitores da Universidade e foram por eles acarinhados.

Desde a sua reorganização, têm continuado a receber inúmeras atenções dos professores que ocuparam a Reitoria.

Para o reaparecimento do Orfeão, pode-se contar com o decidido propósito do Reitor que presidiu às festas do Centenário,

(Continua na página 23)

MAESTRO AFONSO VALENTIM

20 anos na regência do Orfeão Universitário

Num momento destes em que se recordam e enaltecem ilustres personagens do passado ligadas à vida do Orfeão, uma delas se agiganta tanto quanto lhe permite a sua inconfundível personalidade de Artista. Trata-se de Maestro Afonso Valentim, um nome do presente que é também do passado e que ao longo de vinte anos assiste à passagem das gerações orfeónicas. Vinte anos! Vinte anos de trabalho redundante em êxitos que tanto celebrizam a figura do Regente como os sucessivos estudantes que com ele tem cantado e alevantado o bom nome da Universidade do Porto.

As despretenciosas palavras que aqui vão, são na sua singeleza uma tentativa de biografia artística e exaltação do grande Regente.

*

Cedo começou a viver para a música. Ainda adolescente, já ensinava a cantar os meninos da Foz e, à missa dominical, muita gente acorria para ouvi-los. Era a expontânea revelação do artista, que uma ulterior preparação iria tornar uma realidade mais viva, indubitável.

Tamanha vocação não iria perder-se! Inicia a sua educação musical com Carlos Dubbini, professor fundador do Conservatório de Música do Porto. Em 1922 entra como professor de música na Ordem da Trindade; mais tarde, para o Grupo Musical Santa Cecília, fundado pelo Padre Xavier de Almeida e António Pacheco, onde ainda hoje se mantém e apresenta as melhores partituras de polifonia sacra. Em 1928 assume a direcção do Orfeão Lusitano, que muitos e grandes triunfos alcança sob a sua regência. É nomeado, em 14 de Outubro de 1939, professor do Conservatório de Música do Porto, funções que ainda proficientemente desempenha. Fez parte, como executante, da Sociedade de Concertos de Música de Câmara do Porto e da Sociedade de Concertos Sinfónicos Portuense e, simultâneamente, o seu já arreigado apego à modalidade orfeónica, leva-o a estudar, com Xavier de Almeida e Cónego Pereira da Rocha, «Interpretação de Música Coral».

As suas reais qualidades eram já do conhecimento das entidades superiores. Assim, em 1936, o Prof. Doutor Carneiro Pacheco, ao tempo Ministro da Educação Nacional, propõe que ao eminente Maestro seja conferido o grau de Oficial da Ordem de Santiago da Espada.

No ano de 1937 procurava comemorar-se na Universidade do Porto o 1.º Centenário da Fundação da Academia Politécnica e Escola Médico-Cirúrgica. Era vasto o programa das comemorações e, como número de relevo, figurava a apresentação de um orfeão constituído por rapazes e raparigas da nossa Universidade. Para o efeito, alguns académicos apresentaram-se ao então Reitor, Prof. Doutor José Pereira Salgado, solicitando a sua colaboração. Então, em 24 de Fevereiro de 1937, o Maestro Afonso Valentim recebe um cartão com as seguintes palavras:

Maestro Afonso Valentim

«Com os seus cumprimentos, José Pereira Salgado, Reitor da Universidade do Porto, pede a V. Ex.ª a fineza de lhe vir falar à Universidade, o mais breve que puder.»

Era o Orfeão que ressurgia!... O Maestro Afonso Valentim aceitara, então, a difícil missão de o dirigir.

Trabalho persistente e aturado se seguiu durante cerca de mês e meio e foi, graças ao seu valor e à boa-vontade e entusiasmo dos jóvens que com ele colaboraram que, em 13 de Abril de 1937, se apresentou em Récita de Gala no Teatro Rivoli o que futuramente seria o Orfeão Universitário do Porto.

Pela primeira vez — coisa notável! — na história de agrupamentos orfeónicos das universidades portuguesas, se constituíra um córpo coral misto.

Como era de prever, nesse Sarau memorável, verdadeiro marco dum glorioso ressurgimento do Orfeão na Universidade do Porto, o Maestro Afonso Valentim alcançou mais um clamoroso êxito na sua carreira.

A partir dessa data o conceituado Regente imprime ao Orfeão uma actividade a todos os títulos valiosíssima, que se interrompe em 1938, ano em que lhe é concedida uma bolsa de estudos pelo Instituto de Alta Cultura, que lhe permite em Itália estudar com os grandes Maestros Franco Vittadini, Luigi Picchi, Armando Antonelli e Rafael Casimiro. Entretanto, dirige também a Tuna Universitária do Porto, com a qual obtem enormes êxitos dentro e fora do País nos anos de 1937 e 1939.

São dezenas os concertos que, com Afonso Valentim à frente das suas 130 vozes, o Orfeão Universitário do Porto tem apresentado aqui e além, dezenas e dezenas de louros colhidos, testemunhando o seu real valor!

Cidades como Aveiro, Viana do Castelo, Viseu, Lisboa, Barcelos, Vila Real, Chaves, Santarém, Évora, Caldas da Rainha, Leiria, Braga, Guimarães, no Continente, Funchal, nas Ilhas, La

Coruña, Vigo, Santiago de Compostela, Pontevedra, Madrid, Sevilha, Orense, em Espanha, e, no ano findo, Lobito, Silva Porto, Nova Lisboa, Sá da Bandeira, Moçâmedes, Malange, Benguela, Luanda, em Angola, tiveram a felicidade de ver o Maestro, de contemplar as «duas mãos mágicas», como se expressava um dos periódicos de Angola, referindo-se ao Regente do O. U. P.

Muitas são as composições interpretadas pelo Maestro nestes gloriosos vinte anos de labuta ao serviço do nosso Orfeão:

Hino Nacional	*Alfredo Keil*
Hino do Infante D. Henrique	» »
Cortigiana! (da ópera «Irene»)	» »
A Voz do Infante	*Carlos Dubbini*
Capas Vélhinhas	» »
Marcha Turca	*Mendelssohn*
Coro dos Caçadores	»
A Noite	*Schubert*
Barabau (Scherzo)	*Praglia*
Ária (adapt. de Afonso Valentim)	*Bach*
Serenata	*Aru*
Fado (adapt. de Afonso Valentim)	*Ruy Coelho*
Primavera (das «Quatro Estações»)	*Haydn*
Cânone	*Mozart*
Canto Indú (adapt. de Af. Valentim)	*Rimsky-Korssakow*
Malagueña	*José Artes*
Ruliño	» »
Viva la Mancha	» »
Pastoral	*Couperin*
Toque de Avé-Marias	*Fernando Moutinho*
Adeste Fideles	*D. João IV*
Ogi e nato un bel bambino (Séc. XVI)	
O Trenzinho	*Villa Lobos*
Vira	» »
Saltarelle (óp. 74)	*Saint-Saens*
Barcarola (adapt. de Afonso Valentim)	*Luís Costa*
Coro Natalício	*Gruber*

Tuna Universitária de 1957

Scherzino	*Afonso Valentim*
Hino da Raça	» »
Quatro de Empezar	*Manuel Machado*
Negra Sombra	*Montes*
Malhão (recolhido por César das Neves)	
Hino à Noite	*Beethoven*
Canção dos Marinheiros	*Hermínio Nascimento*
Proposição dos Lusíadas	» »
Rapsódia Portuguesa	» »
Tanhauser (Coro dos Peregrinos)	*Wagner*
Rapsódia de Canções Portuguesas	*Josué Trocado*
As Minhas Asas Brancas	» »
Cantares Poveiros	» »
Scherzo (adapt. de Afonso Valentim)	*Rossini*
Madame Butterfly (Coro) (adapt. de Afonso Valentim)	*Puccini*
O Sol da Primavera (Balada Galega)	*Torres Creo*
Alleluia (da «Oratória Messias»)	*Haendel*
Quest'e l'agnel di Dio	»
Wiegenlied	*Brahms*
Dança Húngara	»
Caixa de Música	*Liadow*
Canção de Solveig	*Grieg*
Coro dos Soldados (da óp. «Os Huguenotes»)	*Meyerbeer*
Ecce Sacerdos Magnus	*Vito Fedeli*

Do «Cancioneiro Minhoto» do Prof. Dr. Gonçalo Sampaio:

Misericórdia, Senhor!	Pipe-repi
Trai, trai	Coro das Maçadeiras
Rico Chico	Chora, Videira
Candidinha	Linda Rosa
Canto das «Bendimas»	Rosa Mimosa
Ora «biba» a pândega	S. João
Costureirinha	Re-piu-piu
Oh-li-la-ló	Maria Nova
Se quisera Amores	«Vira» de Ponte do Lima
«Vira» de Ponte da Barca	«Vira» de Vila Verde
Mas oh ai! ó ai	Verde Loureiro
Chora, Chora!	Rosinha
Alecrim	

*

De há duas dezenas de anos a esta parte, o Orfeão colhe então os louros virentes das grandes glórias que oferece à Universidade para seu prestígio e honra. As vozes moças dos seus componentes, sob a regência de Afonso Valentim, levam às terras do Estrangeiro e do Portugal d'Aquém e d'Além-aMr, em cada canção, uma alacre sinfonia de mocidade e um retalho expressivo da cultura duma Universidade.

Para terminar, entendemos que a melhor homenagem a quem há vinte anos tem levado o Orfeão de triunfo em triunfo, se encontra perfeitamente condensada nestas palavras do jornal «O Lobito», de Angola, que na íntegra se transcrevem:

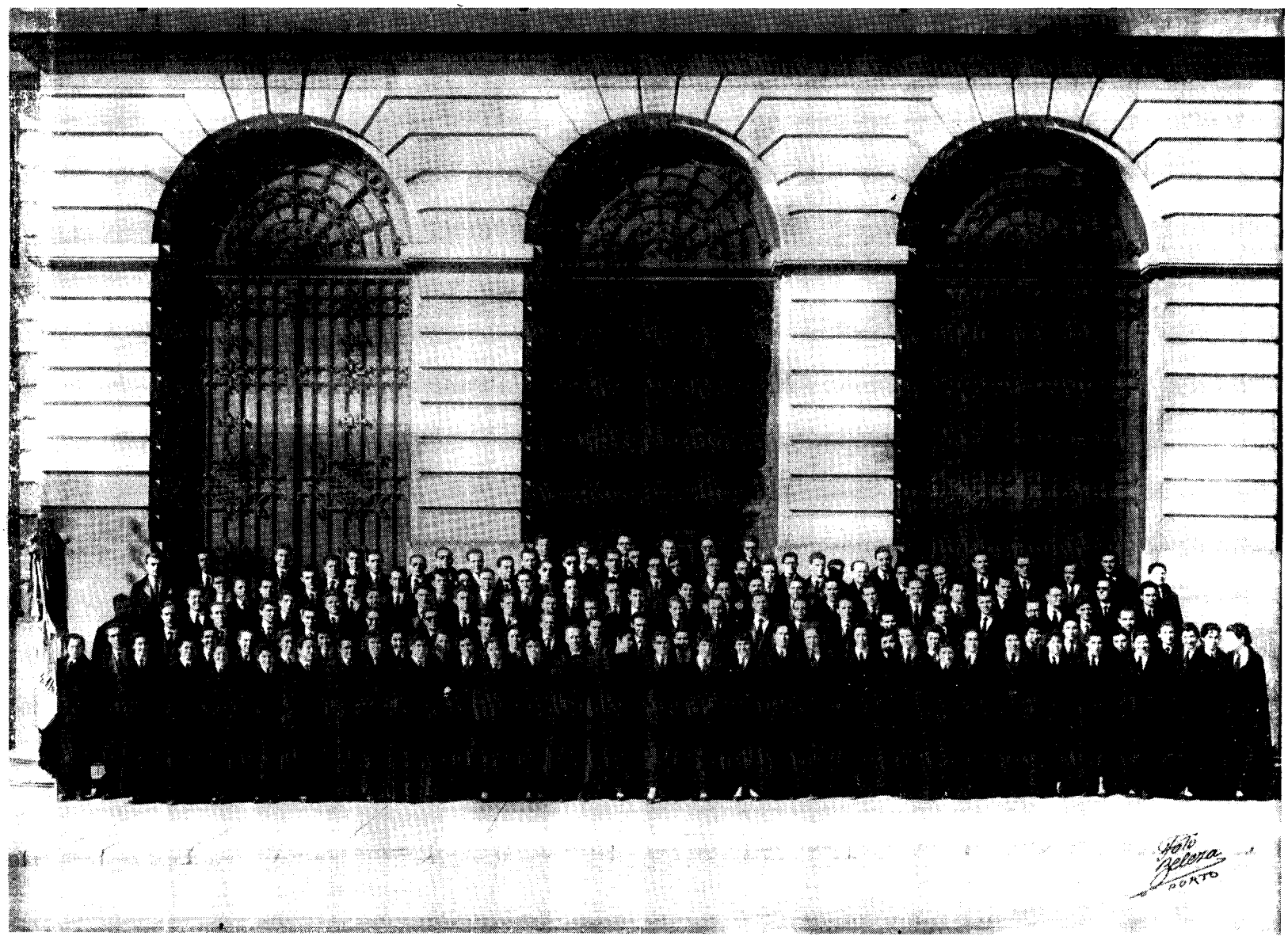
«Nunca as paredes do «Imperium» ouviram vozes mais harmoniosas.

Unção e harmonia arrebatadoras. — Uma centena de gargantas de ouro comandadas por duas mãos mágicas. — Trombetas evocando batalhas e melodias que põem a alma de joelhos.»

Esta, a homenagem do Portugal d'Além-Mar!

A nossa, tão sentida quanto ela, só pode ser uma, que palavras singelas traduzam:

«Obrigado, Maestro!»



Orfeão Universitário do Porto de 1956-57

Orfeão Académico 1912 - 1923

(*Continuação da pág. 7*)

juntar dinheiro necessário. Apesar de toda a boa vontade, porém, a situação não melhorou. Era preciso arranjar-se um pretexto decente para se pedir dinheiro aos espanhóis. E arranjou-se. Também não sei de quem foi a ideia salvadora. Recebemos ordem para irmos para a estação. Recordo-me como se fosse hoje... Eu tinha organizado uma chulada e, como não podia tocar outro instrumento, arranjei um bombo. Estava a arrumar o bombo no compartimento do combóio — faltavam poucos minutos para ele partir — e ouviu-se na gare alguns rapazes gritarem: «Tudo para baixo! Já não partimos!» O que se tinha passado? Estava alguém da comissão a tirar os bilhetes na bilheteira e, depois de entregar todo o dinheiro espanhol que tinha, entregou algumas notas do Banco de Portugal, que não deviam ser muitas, para liquidar o custo dos bilhetes. Como o autor do plano já esperava, o bilheteiro não recebeu o dinheiro português. E lá voltamos outra vez para o hotel. Sob o pretexto de que já tínhamos enviado o rendimento (!) dos espectáculos para Portugal, e de que tinhamos feito despesas extraordinárias, a comissão foi pedir duzentos duros emprestados... ao pai da nossa madrinha...

Todos os nossos compromissos foram liquidados e não fizemos fraca figura.

Quero terminar estas breves, mas tão gratas, recordações do passado com a frase do principal jornal da Corunha referente à actuação do nosso Orefão: «Los tenores son buenos pero los bassos son notables».

HOMENAGEM

pelo Prof. Doutor Adriano Rodrigues

«Música! Sagrada herança de Apolo. Linguagem misteriosa, tão carregada de magia e tão rica de sortilégios que as nove Musas, a-pesar-da diversidade das suas missões, quiseram ser suas madrinhas e reservar o privilégio de usar o seu nome.»

Ela aligeirou e enobreceu as nossas servidões terrestres. Por ela se disciplinaram milagrosamente, idealisaram e transfiguraram o tempo, o espaço, a duração, o movimento, o silêncio e o ruído.»

Assim se pronunciou o insigne Historiador da Música Émile Vuillermoz.

O canto coral, unindo as almas na mesma vibração, e na mesma comunhão de sentimentos, é talvez, de toda a Música, a que mais subtil e profundamente lhes dá asas para voar, se desprender da dureza e da bruteza da matéria. Cantar em coro é fundir numa só alma todas as almas. Desde o canto gregoriano, suavíssima melopeia levitadora, erguendo ao Céu, até aos cantos

Prof. Doutor Adriano Rodrigues

populares, alma dum povo, aos cantos guerreiros, que exaltam o amor-da-pátria, o canto coral representa um dos meios mais poderosos, não apenas de educação e espiritualidade, no mais nobre sentido, mas também de acção e impulso generosos para os mais altos ideais.

O Orfeão Universitário do Porto, sob a direcção do seu ilustre e devotado Maestro, tem sido uma das pedras angulares de renovação da vida universitária portuense.

A sua actuação magnífica através do País, no continente e ainda recentemente no Ultramar, deu-lhe um elevado prestígio, que é garantia de que na linha ascensional do futuro, continuará a sua rota gloriosa para cimos cada vez mais altos. O pouco que fiz pelo Orfeão, quando a oportunidade se me ofereceu para tal, foi sempre ditado pela consciência da nobre missão que tem desempenhado no meio académico, e do valor do canto coral, como instrumento dos mais delicados e fortes para a espiritualização da mocidade.

Porto, 5 de Abril de 1957

SAUDADE...

Pelo Eng. Joaquim Vieira da Silva

No ano lectivo de 42-43 um grupo de estudantes da Universidade do Porto, entre os quais se contavam René Guimarães, hoje engenheiro, Mário Vieira da Costa — infelizmente já desaparecido do número dos vivos—e Dr. Joaquim Barros, médico em Ponte do Lima, e tantos outros cujo nome não me ocorre neste momento, tomaram a iniciativa de fazer ressurgir o Orfeão Universitário do Porto. Esta ideia calou bem fundo no meio universitário e após as árduas tarefas de reorganização procedeu-se à abertura duma lista para a inscrição daqueles colegas que desejavam levar ao grande público da cidade do Porto e a todo o Portugal um pouco da alegria sã da nossa mocidade estudantil. O apoio caloroso do então Reitor da Universidade, o saudoso Ex.mo Senhor Professor Pereira Salgado, coroou o êxito dessa iniciativa, dando a todos os interessados o entusiasmo e a projecção necessários.

Nessa lista «histórica», os nomes dos amigos e colegas Eng. Veloso, Vasco Príncipe, Rogério Ribeiro, Maurício Lecuona, o autor destas linhas e outros que relembro com saúdade, apareceram à cabeça. E durante todo o tempo que frequentaram os bancos universitários nunca mais deixaram de dar todo o seu esforço no sentido de aperfeiçoar e levar ao mais alto nível artístico o seu Orfeão.

A primeira récita, dirigida pelo Maestro Afonso Valentim, teve lugar no Coliseu do Porto e constituiu um êxito. O numeroso público que enchia a sala soube, com os seus aplausos e nobre negerosidade, passar por cima de algumas deficiências que necessàriamente surgiram e, deste modo, animar o Orfeão a continuar a sua caminhada artística cada vez mais longe. E assim foi... Os progressos, nìtidamente notáveis de ano para ano, e a vontade de fazer cada vez melhor dos seus sucessivos dirigentes, levaram o Orfeão ao actual nível artístico, com uma projecção nas actividades culturais da cidade do Porto digna do seu carácter universitário.

Os Reitores da nossa Universidade que se seguiram ao falecido Professor Pereira Salgado continuaram a dar a esta obra grande dedicação e carinho, conseguindo a merecida remuneração do trabalho do nosso Maestro. De facto, à medida que o Orfeão aumentava de componentes e de actividades, Afonso Valentim multiplicava-se, quer como ensaiador do Orfeão, quer mesmo da parte de variedades, aconselhando e corrigindo.

Mais tarde, ao lançar-se a ideia da possibilidade das colegas fazerem parte do Orfeão, o que foi de confusão! Mas tudo se conseguiu e as colegas de então, cheias de coragem e arrostando com todos os mexericos, inscreveram-se em bom número e conseguiram, com as suas vozes magníficas, dar todo o colorido harmónico ao Orfeão e embelezar, com a sua graciosa presença, as nossas ribaltas.

Agora só palavras de saudade surgem no meu espírito. Saudades duma época que nunca mais poderei viver. A lembrança das boas e das más horas desse caos admirável que é a nossa mocidade, esfumado pela perspectiva do tempo passado, obrigam-me a dizer bem alto palavras de louvor e de entusiasmo aos actuais dirigentes para que continuem, pois garanto-lhes que não se arrependerão!

Os meus afazeres profissionais impedem-me de assistir à grandiosa festa deste ano. Lá estarei em espírito! Nos aplausos que receberdes estão os meus, embora os não possais ouvir e o éco das vossas canções e da vossa alegria confundir-se-á com o sentimento indefinível que nesses momentos avassala o coração dos colegas mais velhos, para quem o Orfeão significa agora uma saúdade pungente.

Perdoem-me os colegas cujo nome não nomeei no início deste artigo e que tiveram larga projecção nas tarefas iniciais. Não é por menos consideração, mas sim porque a memória nos atraiçoa e... o artigo tem de sair já!

Quando o O. U. P. foi a Sevilha e a Lisboa...

BREVE RECORDAÇÃO

«Quem não estiver à hora, não vai» — dissera o presidente da direcção numa voz incisiva, peremptória. Nós ficáramos aparentemente assustados; para muitos era a primeira saída com o Orfeão, o que representava algo de importante.

A partida fora marcada para as sete e meia da manhã. Tão cedo! Em plenas férias da Páscoa, não poucos tiveram de regressar ao Porto nas vésperas, mal assistindo às festas de família. Mas o Orfeão exigia e não se podia faltar.

Antes das sete, já se viam muitas capas negras rondando a Faculdade de Ciências, com uma mala numa mão, na outra uma sacola ou embrulho com o respectivo farnel para a primeira refeição, que seria numa quinta na estrada de Coimbra a Castelo Branco. Os «velhos», já habituados àquelas andanças, mostravam um ar superior ao elucidar-nos, contando passagens de outras digressões, nomeadamente do «Baptismo», e afirmando que era a partir desse momento que realmente se entrava na grande família e que se começava a compreender e a impregnar da beleza da camaradagem existente entre todos. Um caloiro, impecável na sua indumentária, parecia preocupado. Reparando nele, verificámos que estava muito direito no seu colarinho «à bife». Não trouxera outros e teria de sofrer uma posição deveras incómoda durante toda aquela longa viagem, com um calor dos diabos e pó, muito pó, sobretudo por alturas de Pampilhosa da Serra.

Para não fugir à regra, a partida só se efectuou depois das nove e meia, apesar de muito antes a chamada dar a presença de todos. É que a três bons autocarros viria juntar-se uma pequena camioneta, pequena e de modelo antigo, que nunca mais víamos chegar. Ei-la, finalmente! Logo surgiram os epítetos picarescos: «camioneta-fantasma», de «suma-pau»... Era pouco confortável, na verdade, pois nem sequer tinha estofos. Assentara-se imediatamente em que nos revesaríamos e organizaram-se turnos. Pois à volta dessa «camioneta-fantasma» sucederam numerosas peripécias, que ficaram memoráveis.

Até Coimbra não houve incidentes. Mas — ingénuos! — deixáramos que fosse a fechar a caravana. No alto da Serra há um descanso e os autocarros param. Não se via a «camioneta de pau»! Esperámos muito tempo. De repente, perante o espanto hilariante da «malta», surge numa curva da serpenteante estrada um cacho de capas negras a fazer esforços inauditos para deslocar o veículo. Tinha avariado. Já era azar! Depois de uma demora razoável, prosseguiu a viagem, chegando-se com grande atraso a Castelo Branco. Ia alta a noite quando de lá saímos em direcção a Elvas. Estava no programa irmos aí pernoitar e ansiávamos por um sono reparador. Apesar de tudo, ainda havia a esperança de chegar por volta da meia-noite. Com alegria vimos o indicativo de «Elvas — 30 km.». Foram tão longos esses 30 km.!... Nunca mais víamos surgir a velha cidadela. Só entrámos as suas portas cerca das oito horas duma manhã nevoeirenta. Que havia sucedido? Apenas um simples erro, sem importância: um engano de caminhos, do que resultou aumentar-se à viagem mais uns 150 km.! Só isto.

Demora na fronteira, demora em Badajoz, a «camioneta-fantasma» a falhar, hesitações na estrada, tudo isso fez com que chegássemos a Sevilha de noite. Nem uma recepção, nem sequer um núcleo de rapazes a elucidar-nos, soubemos, não sei como, que estávamos hospedados no S.E.U.. Com mais razão lhe poderíamos chamar «inferno», tal a alimentação que nos serviram. Talvez fossem costumes da terra! — ouvimos. Ficámos, porém, sem saber se foi ironia ou excesso de benevolência o que ditou tal desculpa. Ah! Mas o espectáculo seria a nossa vingança. Iriam saber a categoria do O.U.P. esses sevilhanos indiferentes. Pura ilusão! Com efeito, numa cidade essencialmente comercial, em que os estabelecimentos encerravam às vinte horas, a récita fora marcada para as dezanove. O Teatro Lope de Vega, onde se realizou, estava menos que meio e o nosso entusiasmo esmoreceu de novo. Felizmente que na parte de variedades a sala compôs-se: os orfeonistas que nela não tiveram actuação espalharam-se entre a assistência e foram animando o espectáculo e o pobre Alípio — o grande «compère» — que não tinha público que compreendesse os seus «chistes». Confessamos que tivemos pena dele ao recordar o delírio da galeria semanas antes no Coliseu do Porto. Enfim, foi, podemos dizer, um espectáculo para sócios. Eles também precisam.

Pouco tempo estivemos na linda cidade andaluza, quase a não apreciámos: uma rápida visita à monumental Giralda e pouco mais. A urbe das verbenas e das touradas ficara no nosso espírito tristemente célebre. Não tivéramos êxito e isso irritava-nos. A viagem de regresso teve incidentes curiosíssimos resultantes do sono acumulado durante dias, da «fome» e doutros motivos eventuais, de que o espírito folião da rapaziada sabia tirar bom partido. Instituiram-se prémios às melhores poesias improvisadas à fome, organizaram-se caçadas às galinhas que íamos topando na berma da estrada ou nos campos vizinhos. Até vimos cenas em que hesitamos se seriam de causar riso ou compaixão!...

Anoitecia. Mais uns momentos e estaríamos em terras de Portugal. Já o coração palpitava de contentamento, quando a notícia cai dura, imprevista: não poderíamos atravessar a fronteira, pois os passaportes vinham num dos carros da retaguarda e esse maldito seguira em direcção a Elvas, quando o combinado fora que entrássemos por Ficalho. Mais uma noite de desespero e ao mesmo tempo de gáudio. Juntaram-se, misturaram-se, os magros escudos e as escanzeladas pesetas e fomos dar um certo conforto ao estômago. Depois... depois uns adormeceram, mas ressonavam tão alto, que os outros não conseguiram conciliar o sono. Tinham de passar aquela noite na fronteira; mas como? De qualquer modo: contaram-se anedotas, fez-se a célebre «passagem de modelos», cantaram-se serenatas... à lua!

Finalmente, de manhãzinha, atravessávamos o Alentejo. O Sol rompera e sorria-nos brilhante, o céu era dum azul mais claro e puro, os campos de um verde de esperança. O optimismo invadia-nos e fomos ganhando novos alentos, tanto mais que entrámos com frenesim justificável no pão e queijo regionais (não contando com o vinho, claro está). Fomos almoçar a Beja. Passámos a grande velocidade por Alcácer do Sal e Setúbal, as capas ao vento, cantando, saudando toda a gente. E todos nos correspondiam entusiàsticamente.

Foi envolvidos de estranha euforia que demos entrada na Capital. Perdera-se a possibilidade da récita de gala no Teatro de D. Maria II, mas ficara a grande esperança (perdão, a grande certeza) na do Pavilhão dos Desportos. Lá estariam as entidades

(Continua na pág. 28)

SONHO...

Uma onda negra de capas adejantes inundava a Rua dos Clérigos, naquela noite de 7 de Agosto, num marulhar entusiástico de vozes que exteriorizavam a sua alegria, como orfeònicamente estavam habituadas a fazê-lo : cantando.

Em S. Bento o fervilhar de cabeças, traduzindo o bulício de pensamentos, não deixava identificar umas nem adivinhar outros. Flutuava em toda a confusão, apenas uma certeza : o Orfeão partia.

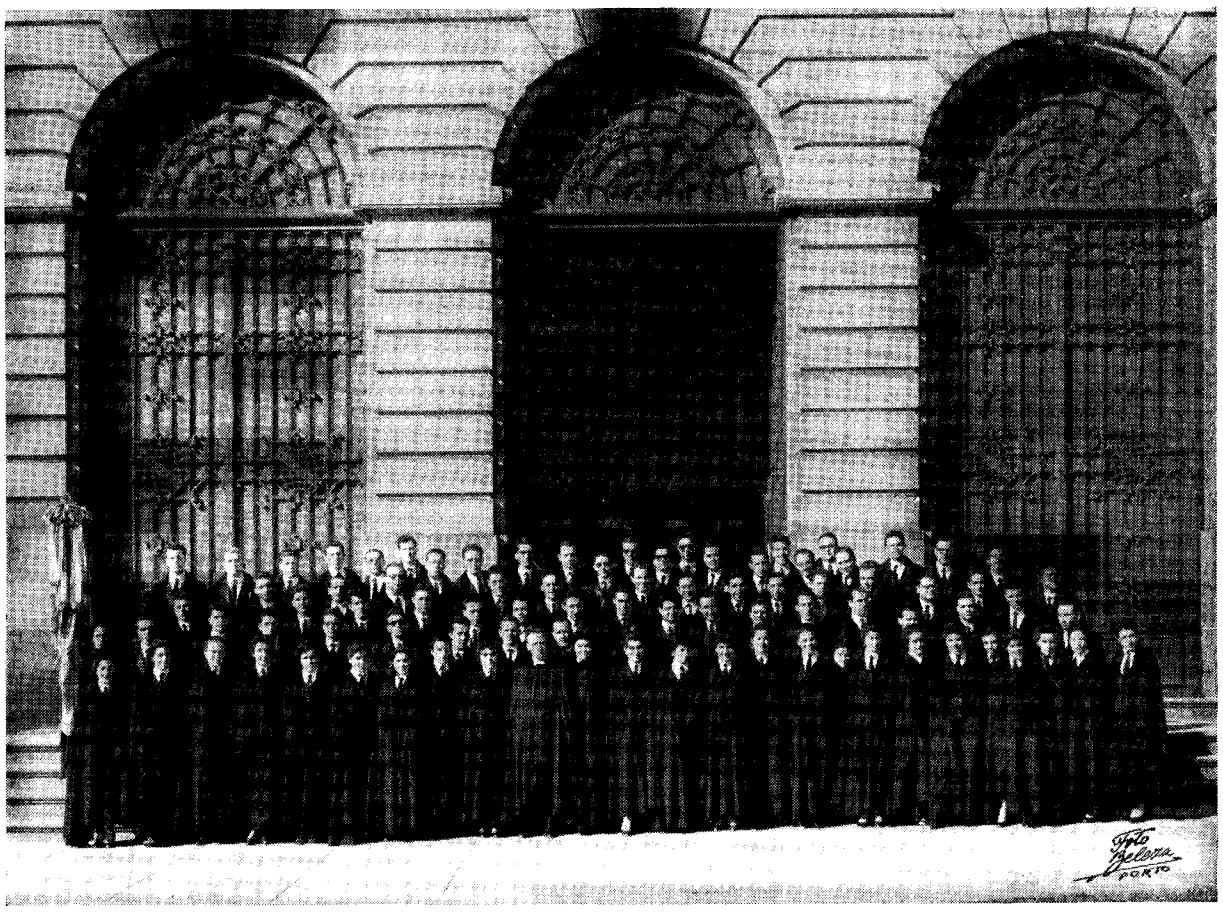
Depois de alguns anos de trabalho árduo, para levar a terras africanas o nome da Universidade do Porto, na voz dos seus orfeonistas, o sonho ardentemente desejado era, com os três silvos agudos da locomotiva, cortando o ar ; com o ruído cavo do rodado, abafando o último «éfe-érre-á» ; e com a negrura do túnel, esbatendo a mancha amorada das capas pendentes das janelas, verdadeiramente sonhado.

Marcava o calendário, dia 8 de Agosto ; o relógio indicava, 13 horas ; e o cais da Rocha de Conde de Óbidos oferecia um aspecto surpreendente. O «Vera Cruz», já ao largo, acenava um lenço de fumo, num último adeus a Lisboa. Partiamos, enfim...

Madeira, Las Palmas e S. Tomé apagavam-se na rota pois o relevo dado a Luanda prendia-nos a atenção de noite e dia.

O dia 12 de Agosto foi um dia diferente daqueles dez passados sobre o mar. O Orfeão cantando a bordo fê-lo de tal forma que a «Proposição» interpretada em pleno Oceano, cenário grandioso e eloquente, arrancou do público uma verdadeira tempestade de aplausos e algumas lágrimas de comoção.

Chegados a Luanda no dia 18, entre alas de povo e nos braços de novos e velhos amigos, percorremos a Capital angolana até à Câmara Municipal. As vibrantes boas-vindas que espontâneamente a cidade nos tinha tributado foram oficializadas e o



O Orfeão que se deslocou a Angola em Agosto e Setembro de 1956

Naquele momento da despedida, perante aquelas centenas de pessoas, a nossa tarefa aparecia-nos medida em escala gigantesca. Conscientemente aferiamos o peso da responsabilidade como orfeonistas, como universitários e como portugueses. O abraço levado aos nossos irmãos de além-mar devia ser a expressão dessa trindade de ideais que nos orientava : Arte, Universidade e Pátria.

Corriamos céleres no espaço ; o pensamento, porém, estafeta mais veloz, voava à nossa frente. O corpo ainda em Leiria e ele, impaciente e curioso, já em Luanda !

Um hino de camaradagem começava a ser composto por todos os naipes e em todos os tons. A aceleração imprimida àquelas duas carruagens que nos transportavam, pela despreocupação e alegria, apagava os nomes das estações que se sucediam insensìvelmente. Quando chegamos a Santa Apolónia, ninguém tinha medido o tempo da viagem...

nome do Orfeão Universitário do Porto fica gravado numa lápide.

No almoço oferecido no Liceu Salvador Correia, orfeonistas de ontem com orfeonistas de hoje, num amplexo estreito de orfeonistas de sempre, revelavam o ideal comum que os amparava : um Orfeão maior ! À noite o público de Luanda acorre ao «Restauração» para nos ouvir pela primeira vez. Era este o primeiro espectáculo de uma série que a imprensa angolana não se cansou de enaltecer. Era esta a primeira conta do rosário artístico que rezamos cantando por essa Angola feiticeira.

Depois, Lobito, Silva Porto, Nova Lisboa, Sá da Bandeira, Moçâmedes, Benguela e Malange, acorrem a receber-nos entusiàsticamente, cercando-nos de carinho, amizade e gentileza. Não descansávamos. O tempo e o espaço travando tremenda batalha não nos permitiam uma só hora de liberdade. O entusiasmo com que nos recebiam depressa nos contagiou. Excitados pelo imprevisto

da paisagem e pelo ressoar dos aplausos, em cada quilómetro vencido criávamos a curiosidade que vencia o seguinte, em cada êxito alcançado erguiamos o alicerce onde assentávamos novo espectáculo, numa ânsia enorme de mais perfeição. Quando partiamos, extensos cortejos de automóveis acompanhavam-nos com velocidades vertiginosas a muitas dezenas de quilómetros das cidades visitadas. Lenços alvos e capas negras entrelaçavam-se, num esvoaçar nervoso, construindo, com o contraste das suas cores e com a harmonia do seu significado, um poema inolvidável de saudade. Angola tinha-nos enfeitiçado!

Lápide descerrada na Séde da Casa do Distrito do Porto em Luanda

O último espectáculo, dado em Luanda, era a apoteose única que aqueles mês de sucessos merecia. No fim, quando aqueles que se despediam da sua capa e do seu Querido Orfeão cantaram pela última vez as «Capas Velhinhas», o público compreendendo e vivendo o momento, de pé, frenèticamente com o calor dos seus aplausos, procurou durante largos minutos evaporar as lágrimas que bailavam nalguns olhos. Noite inolvidável!

Lápide descerrada a quando da recepção oficial ao Orfeão Universitário do Porto na Câmara Municipal de Luanda

Depressa chegou o dia 20 de Setembro. O cais de Luanda, labirinto grandioso de cabeças, era pequeno para conter todos aqueles que, pela última vez nesta viagem, nos queriam testemunhar a sua amizade e simpatia. Quando o «Uíge» partiu e as luzes da cidade se esconderam na distância, na alma de todos os orfeonistas havia uma ponta de saudade anunciando o fim do sonho e na bandeira do Orfeão brilhava um halo de glória assinando o dever cumprido.

Henrique Fernandes Tomás Veiga

O reaparecimento do Orfeão e da Tuna

(*Continuação da página 16*)

Sr. Prof. Dr. José Pereira Salgado, atitude que sempre manteve em diversas eventualidades, nos anos seguintes.

O seu ilustre sucessor, Sr. Prof. Eng. Adriano Rodrigues, dedicou-lhe também muita e sincera afeição, tendo contribuido para o desenvolvimento do mesmo conjunto musical.

É justo salientar o apoio, o estímulo e a protecção que o actual Reitor da Universidade, Sr. Prof. Dr. Amândio Tavares, tem dado ao Orfeão, no decorrer de mais de dez longos anos das suas altas funções. Antigo orfeonista e tuno, S. Ex.ª sente e compreende a inegável importância que estes conjuntos artísticos desempenham na educação da juventude universitária.

Numerosas digressões levaram o Orfeão a diversos pontos do País, onde este conjunto artístico tem realizado muitos e apreciados espectáculos, honrando o seu nome e grangeando novos triunfos, sempre sob a distinta orientação artística do maestro Afonso Valentim.

A actividade do Orfeão foi já devidamente avaliada pelas instâncias superiores, que lhe concederam a alta distinção da Comenda da Ordem da Instrução Pública, entregue em 1952.

Tendo sido possível deslocar novamente este excelente agrupamento artístico e académico a Espanha, percorreu no ano transacto Angola, onde também se cobriu de glória, transmitindo aos portugueses dessa longínqua província a mensagem da Metrópole.

Oxalá prossiga sua notável, meritória e benéfica missão sem esmorecimento pelos tempos fora.

RECORDANDO...

Cenas da viagem a África!

O aspecto do Cais da Rocha do Conde de Obidos, no momento da partida do «Vera Cruz», era indescritível!

Aquela mole imensa que ali se encontrava oferecia um quadro de notável beleza pictórica, em que as cores se misturavam com caprichosa irregularidade, tal qual numa imagem dada por um gigantesco caleidoscópio.

Quando as últimas amarras se soltaram e o navio começou a afastar-se lentamente, esse caleidoscópio redobrou de vi-

Cartaz alusivo à visita do Orfeão Universitário do Porto a terras de Angola

vacidade de movimento e a amálgama cromática cresceu no seu significado, confundindo, ofuscando, como se uma luz de intensidade enorme bruscamente surgisse perante a vista de um desprevenido!

A «malta» estava extasiada! E no auge do entusiasmo daquele *adeus* em que o espírito se abstraíra de qualquer outra preocupação, *adeus* traduzido por um agitar frenético das nossas capas, aconteceu então uma delas escapar-se mesmo das mãos nervosas que a sustinham, para ir beijar mais abaixo as águas serenas do Tejo! Dir-se-ia que ela desejava, naquele momento, ir manifestar mais de perto àquela massa magnânima o agradecimento sincero do seu dono, por lhe ter sido dado contemplar tal momento!

— Não seria isso, ó Tavares?...

* * *

Tínhamos deixado para trás há muito as imorredoiras belezas de S. Tomé e o «Vera Cruz» caminhava agora serenamente nas águas do Golfo da Guiné, buscando o que era para nós o nosso Porto de Abrigo!

Naquela tarde, findo o almoço a «malta» encontrava-se, como habitualmente, espalhada pelos confortáveis salões de estar, tagarelando disto e daquilo!

Foi então que a notícia surgiu, repentinamente: o navio contornaria nesse dia a costa da Serra Leoa e haveria uma boia-correio que encostaria, recolhendo toda a correspondência desejada!

A primeira reacção não foi uniforme. Alguns, espíritos mais cépticos, perguntavam-se se seria possível tal facto?...

Mas havia dezenas de corações saudosos doutros que por cá haviam ficado e logo os pedidos de papel de carta se sucederam, as mesas se encheram e as palavras ardentes brotaram, enchendo folhas e folhas!

Chegou o momento da entrega da correspondência no respectivo local e então... ó desilusão das desilusões, as caras ficavam primeiramente apalermadas e depois rebentava o riso contagioso!

Não havia dúvida, a «partida» do Comandante havia redundado num êxito!

... E durante muito tempo se falou no caso da célebre «vóia» da Serra Leõa!...

* * *

A história começou quando desembarcamos em S. Tomé! Logo que pisamos terra, a população indígena, olhando para o nosso austero trajo saudava-nos com um «Bom-dia, seu padre»!.

O interessante da questão era, porém, quando eles topavam com as nossas colegas, para as quais não sabiam como haviam de resolver o caso!...

* * *

Também em Angola se deu um caso interessante no que respeita a reacções indígenas. Havia algum tempo, a Associação Académica de Coimbra efectuara uma digressão por esta província, actuando em várias localidades.

A imagem da capa e batina que envergavam os seus componentes, havia ficado gravada na memória dos ingénuos nativos, pois em alguns pontos por onde passávamos logo gritavam em altos brados: «Pátrão, Ácádêmicá»!!!

* * *

Na nossa viagem de ida, acompanhou-nos a Tuna Académica de Coimbra, a qual ia fazer o cruzeiro total do «Vera Cruz», actuando em alguns dos vários pontos onde o navio fazia escala.

Desde logo a camaradagem entre nós e os tunos foi um facto indubitável! Construíam-se novas amizades, fortaleciam-se outras já existentes. E durante aquele curto lapso de tempo, não eram as Universidades de Coimbra e do Porto que ali se encontravam, mas sim a Universidade Portuguesa, sem qualquer outra designação específica!

Não admirou, portanto, que no Lobito, cidade onde nós abandonávamos o «Vera Cruz» e, com ele, os colegas da Tuna, mais de metade do Orfeão, abandonando por uns tempos os prazeres de um animado baile com que havíamos sido

«O VULICHE 410»

Não, não é um conto policial.

Mas o que vem a ser isto? Dirá o leitor ao deparar com este vocábulo esquisito que lhe parece não figurar nas páginas do seu dicionário.

Ora vamos cá ver: *vul... vula... vulc... vuln...* não está.

Pois claro, só o nosso dicionário — o dicionário do *Vuliche* — é que o traz. Vejamos então a história do *Vuliche*, pois o leitor até já chora por a não saber.

Como se sabe o ORFEÃO foi a ANGOLA nas últimas férias grandes. Saímos do Porto, chegamos a Lisboa e entramos no majestoso, sumptuoso, assombroso e saboroso «VERA CRUZ».

— *Eh pá, p'ondé que a matula vai?* Perguntou um da malta com uma mala às costas, duas debaixo do braço, um garrafão de águas na mão e um papelinho na boca.

— Dá cá isso — disse-lhe tomando a senha e lendo em voz baixa:

— Companhia Colonial de Navegação. VERA CRUZ. Camarote 410.

— O 410 é lá em baixo; depois de virar à esquerda vira à direita, desce as escadas, vira à direita, segue em frente, vira de novo à direita, e fica junto do ascensor — disse o moço de fretes já sem esperança da gorgeta.

Depois de palmilharmos com todo o ardor o labirinto complicado do «VERA CRUZ» deparámos com os nossos célebres aposentos que seriam dali a pouco a sede do terror para uns e a ilha dos encantos para outros—esses outros somos nós.

Instalamo-nos e fomos até ao *deck*.

— O SENHOR vá connosco — dizia uma vèlhinha ajustando os óculos e enxugando uma lágrima teimosa ao canto do olho esquerdo. Entretanto desprenderam-se as amarras; o «VERA CRUZ» começou a afastar-se da gare do Conde de Óbidos e daí a pouco já não se via Lisboa.

Descemos ao camarote para dar os últimos retoques à arrumação da bagagem. Ao fundo estava o Patrício sentado na cama com os cotovelos apoiados nos joelhos e, segurando a cara entre as mãos, pedia pastilhas para o enjoo.

— Que é isso Patrício?

— *Eh pá, estou à rasca* — dizia ele com voz de agoniado e cor macilenta.

— Isso passa,... vamos ao tacho. E fomos.

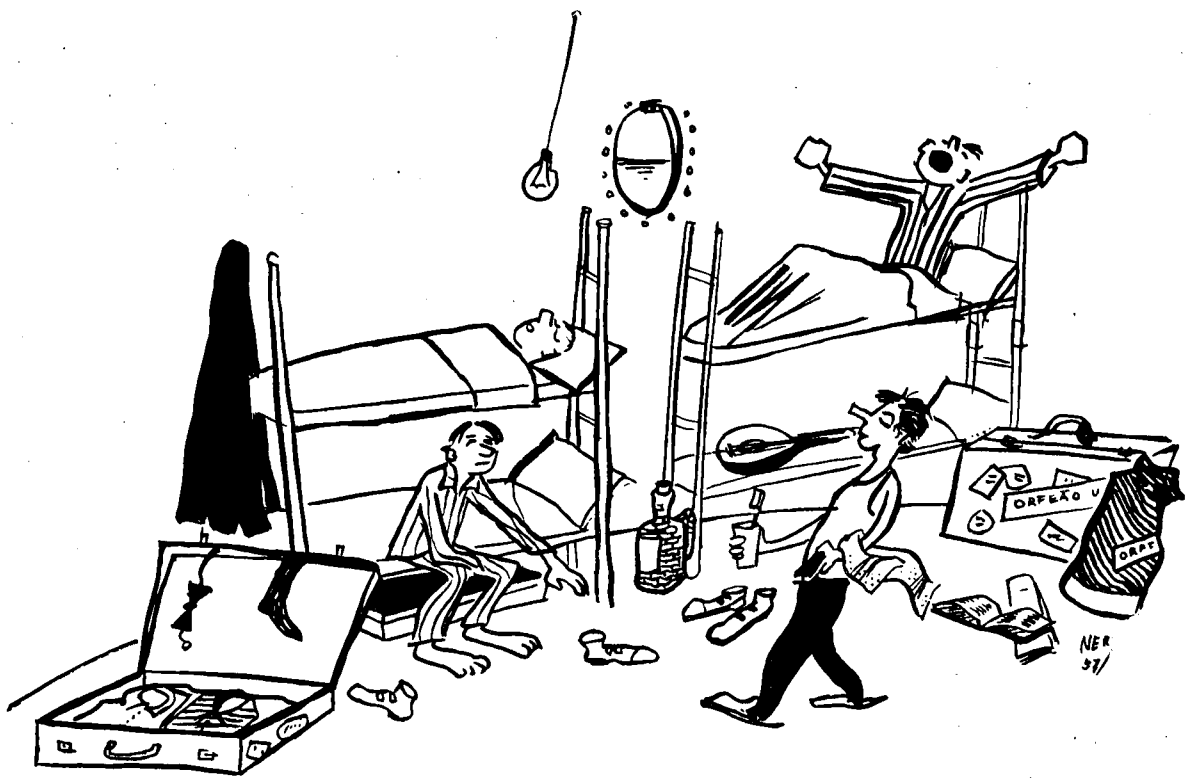
Após o jantar fomos tomar café ao bar da segunda.

O Cucas, filado no isqueiro, foi jogar o sintético com o «vèlhinho».

Sentado junto do balcão acabei de ler as últimas linhas de um romance policial. Olhei para o relógio; eram duas da manhã. Atirei duas moedas de cinco *paus* para cima do balcão para pagar a cerveja e disse para um grupo: meus senhores boa noite; vou p'ró *VULICHE*.

Desci com o Veiga as escadas e entramos no 410. Ouvimos ressonar — eram os meninos que tinham de levantar-se às sete e meia para o pequeno almoço.

— Apaga a luz! — diz um madrugador lamentando a sorte de ter ido parar ao *VULICHE*. O Noro levanta-se e sem sair da cama estende o braço para desandar o interruptor.



...A NOSSA EQUIPA ERA MAIS ACADÉMICA, MAIS CASTIÇA...

Acende a luz que me *abafaram* a garrafa — disse o Victor passando com olhar investigador as expressões dos camaradas.

— Oh pá, por favor... já são três da manhã... — apaga a luz.

A luz apagou-se porque o metódico falou em termos dóceis e respeitosos.

A porta abriu-se de novo — divisa-se um vulto agigantado de encontro à claridade do corredor; era o Cucas que procurava entrar de lado para não roçar os ombros nas arestas dos batentes. A luz acende-se.

— Então como é? Já se dorme no *VULICHE*?

Tudo acordou porque o seu argumento de pulmão fez-se sentir no casticismo do ambiente.

— Bem — diz um dos que já dormia empoleirado na cama superior — vou dormir p'ró *deck* da segunda — aqui é impossível.

— Lá isso é — confirmou o Mário sentado na cama esfregando os olhos sonolentos para melhor apreciar a ocorrência.

---

obsequiados, se encontrassem no cais para dar um último abraço àqueles que agora nos deixavam!

E enquanto o vulto iluminado do navio se não perdeu nas brumas daquela calma madrugada, não deixaram de ouvir-se as manifestações sinceras que dum e doutro lado surgiam, como singelo adeus a uma amizade com raízes no Passado, no Presente e no Futuro!

MANUEL CASPURRO

— Vocês querem ou não querem fechar a luz? Retorquiu outro dos pacatos.

— A luz não se apaga, disse o Cucas. Então vocês querem que eu me dispa às escuras?

O Ronca levanta-se, procura os óculos e como um trovão falou:

— Macacos me mordam se eu amanhã vos não acordar às seis da matina.

— Fala mais baixo que quero dormir — disse outra vítima, com metade da cara coberta pelo lençol, fingindo que dormia para implorar compaixão.

Entretanto o Veiga sentado na cama com as pernas cruzadas debaixo da região glútea e de olhos semi cerrados olhando o fundo da cama do parceiro que estava por cima, canta um faduncho castiço ao som abafado da sua guitarra cuja caixa de ressonância parecia um tambor esburacado.

O Nery ria-se e saía para os lavabos — ia esfregar a camisa com «OMO» para depois a pôr a secar aos pés da cama pingando nos sapatos do parceiro.

Abre-se de novo a porta — é o Cruchinho que entra pé ante pé começando logo a conversar com o Cucas àcerca do sintético e integrando-se do que acontecera na sua ausência.

O *Manel* Gonçalves baloiçava as pernas por cima da cara do Victor.

— Ó *Manel* tira lá isso, dizia-lhe o Victor pela quarta vez.

— A cama é minha; por isso posso estar como quiser. Estás a ver o Veiga — olha para isto... já agora...

E lá para as tantas reinava finalmente o silêncio no camarote 410.

Ao outro dia a malta levanta-se à uma e um quarto porque à uma e meia serviam o almoço. De tarde colhiam-se elementos da vida de bordo para em «assembleia geral» serem comentados, discutidos e apreciados na sede — no *VULICHE*.

Foi então que em face de tão vastos e importantes acontecimentos se viu a necessidade de criar um jornal que teria o nome de *O VULICHE* onde as notícias colhidas eram lidas com avidez a troco de 5 tostões e cuja procura era de tal ordem que dias houve em que os editores fizeram segunda tiragem.

Ora vejamos alguns excertos dos famosos periódicos transcritos na íntegra:

O VULICHE

VULICHE 410 — 11 DE AGOSTO 1956

Semanário saído diàriamente feito, desfeito, vendido e revendido no Vuliche (que vis ca la vi) 410; colhido e lido com cinto de salvação.

NOTICIÁRIO:

Rosna-se de VOM VORDO

dia 9 — *Revolução nocturna no 410 que obriga a não colar olho* (pare mantê-lo descolado).

dia 10 — *Garrafa na corda do 410.*

Correspondência recebida na vóia da Serra Leoa:

Segundo parece o Nasser mantém o canal desentopido.

DESPORTOS:

Natação — *Entrada de Rios na piscina e banho de Cruchinho. Este muito prejudicado pelo vagalhão, não poude concluir a prova. O Vuliche 410 protestou para a federação, por ver diminuído em 100 o seu património.*

Hipismo — *Foi encontrado na sala de jantar da segunda um rabo de cavalo que se entrega a quem provar pertencer-lhe.*

BOLETIM METEOROLÓGICO:

No Vuliche — *Temperatura sem grandes alterações. — Zonas de quentes e frios, secos e molhados. Consultar os termómetros instalados no 410.*

Secção Mistério — *Entramos no deck. Passou uma sombra. Seguimos-lhe a cor. Puxou duas cadeiras. Sentou-se numa. A sombra desdobra-se: Há dois vultos. A sombra dobra-se: há um vulto. A sombra safa-se: só há cadeiras...*

PALAVRAS CRUZADAS

E
ELAS
E
S

(Vide solução a VOM BORDO)

PROGRAMA

Dia 11 — 19 horas — *Exercício na baleeira.*
20 horas — *Exercício de cinto* (na sala de jantar).

Dia 12 — 2 horas — *Exercício no Vuliche.*
7 horas — *Lavagem do casco.*

Nota da Redacção — SEGUNDO um comunicado recebido na redacção os corpos gerentes vão hoje, à uma da madrugada, lavar os pijamas na piscina.

Achamos muito bem. Só lamentamos que não haja uma filial do Texas além do Vuliche, a bordo Ele há tanta roupa suja...

Por tudo o que se disse e por tudo aquilo que ficou por dizer já o leitor poderá fazer uma ideia da importância e da força do Vuliche. E em Angola? Nem queira saber. Sempre que houvesse qualquer farra ou «ceia» de confraternização lá estava o *Vuliche* na vanguarda pois os veteranos de lá diziam que a nossa equipa era mais académica, mais castiça. Realmente o «Intestino Grosso» de Sá da Bandeira é testemunha não só das nossas manifestações académicas como da sem cerimónia dos nossos apetites diante de cabritadas com gindungo. Aquilo só visto. Vi nessa ceia memorável oferecida por uma pléiade de antigos estudantes tendo como chefe S.M. o Rei de MACONGE, dux veteranorum da sua academia, os traços bem vincados da saudade.

Corriam lágrimas: nuns de alegria pela recordação do passado; noutros de tristeza pelo adeus ao presente — à vida académica. Enfim o grito da mocidade irreverente mas sincera.

E a nossa resistência? Imagine que no regresso fomos despachados para o último camarote do «UIGE», mesmo por cima das hélices — à ré de todo! Aquilo é que foi baloiçar... como éramos fortes aguentámos.

Só o consumidor n.º 1 de pastilhas para o enjoo teve de pegar no colchão às costas e ir dormir para o bar da Turística.

Brevemente sairá em três volumes e em obra de luxo a *História do Vuliche* que o leitor poderá mais ampla e detalhadamente consultar.

MANUEL RODRIGUES CARNEIRO.

PRAXES E BAPTISMOS

no Orfeão Universitário do Porto

Estas coisas de *praxes* são sempre usanças a que aqueles a quem está entregue a tarefa de velar por elas, costumam apelidar, enfàticamente, de «muito antigas...».

E no dizer-se que são «muito antigas», alongando-se a pronúncia — quanto mais melhor — das duas últimas sílabas, encontram os *veteranos* e *doutores* que fazem cumprir essas *praxes* o melhor fundamento da sua razão de ser e, quase sempre, o único documental histórico. A origem dessas tradições é de boa norma filiá-la sempre nas brumas do passado, para assim se dar a entender ao *caloiro* que, pelo facto de serem coisas vindas dos maiores e de remotas eras — quanto mais remotas melhor — é mister cumpri-las...

Destes costumes não há nunca documentos escritos do que constam e da maneira como se fazem cumprir e nisto reside, segundo o abalizado ver dos *doutores*, uma das grandes virtudes da *praxe* que é de tradição, no verdadeiro sentido da palavra.

Não há dúvida de que as mais interessantes e características de todas as *praxes* são as que vamos encontrar nos ambientes estudantis, todas elas constituidas por um conjunto de actos e cerimoniais em que, misturada com uma certa austeridade, existe uma marcante graça.

O Orfeão Universitário do Porto tem também as suas *praxes*... e originais que elas são.

O estudante que, após o seu exame de voz, ingressa no Orfeão não tem jus, desde logo, ao nome de *orfeonista*, claro está, praxisticamente considerado. É antes mimoseado com o ápodo de *caloiro*; e neste ínfimo degrau das hierarquias praxistas há-de sofrer e penar sob o poder dos *velhos*. Logo no início do ano começa a ouvir, com os olhos muito arregalados, estranhas e atemorizantes histórias de *caloiros* a quem aconteceu *isto* e *aquilo*, por não serem presentes e deligentes na montagem e desmontagem dos estrados em palcos onde o Orfeão teve que cantar. E assim se vai conservando nesta situação, que lhe não dá honrarias nenhumas, até ao dia do *baptismo* a partir do qual será finalmente orfeonista.

E o que será esta coisa de *baptismos*?

Desde que entra no Orfeão o *caloiro* ouve, de vez em quando, falar em *baptismos* e começa, digamos, a fazer a sua preparação psicológica para este acto que, segundo a ideia que vai formulando, deve ser coisa medonha. Os velhos fazem terríficas narrações dessa cerimónia; referem-se profusas sodurações havidas por *neófitos* ao discorrerem sobre temas intrincados e difíceis dados pelos *doutores*; recordam-se factos de perdulários despejos de pimenta e sal na língua de *caloiros* que, durante o baptismo, a não quiseram só para responder com parcimónia e respeito aos *doutos baptizadores*; contam-se coisas verdadeiramente singulares; e, em determinada altura do ano, paira tal terror entre a *manada* que falar-lhe em baptismos é como fazer o sinal da cruz ao demónio...

Atingiu-se então o ponto da já referida preparação espiritual e há só, portanto, que deparar-se o momento de estar reunida a maior parte dos *orfeonistas* e a *vèlhada* para a festa ter mais brilho...

Geralmente é numa digressão que o facto sucede. Quando à incauta *caloirada* tudo parece correr da melhor maneira e há já propósitos de folgança e conquista, corre célere o rumor de que vão fazer-se os *baptismos*.

Não nos é dado dizer — embora sentíssemos ganas disso — o efeito que provoca uma notícia destas sobre certas compleições ou naturezas vagotónicas...

Reunem-se então os evlhos em local apropriado ao acto e começam de resolver sobre os pormenores do protocolo e constituição da *mesa de baptismos*. Nesta tomam lugar, pelo menos, três dos mais antigos orfeonistas que dentre eles escolhem para presidente o mais velho, sabido e lidado nestes cerimoniais. Rodeando a mesa estão os restantes *orfeonistas*, todos de capa traçada, o rosto cru, em geito de quem quer aterrar os *neófitos*. Está preparado o ambiente propício...

Um velho orfeonista, no meio do espectante silêncio, sonoramente lê:

— ..... que dá pelo nome de Fulano !!!...

Desconfiado e tímido adianta-se no hemiciclo o *caloiro* que é recebido em bom protocolo, com muitas vaias, apupos e *estridências* de sons. «Mata-se», «esfola-se», «degola-se», «enforca-se» e outras exclamações trágicas e sanguinárias vêm do meio do túmulto que se estabelece, certamente proferidas por orfeonistas

... «São-lhe aplicadas, irremissivelmente, as penalidades máximas»...

... E ele lá vai rebuscando, nas melhores estantes da sua inteligência (?) e graça ...

de ânimo mais acirrado contra os inermes *caloiros* aos quais contudo a natureza deu — segundo reza a tradição e os *doutores* o afirmam — sólida e agressiva armadura...

A calvíssima *mesa*, perante tanto chinfrim, impõe o silêncio e determina que o novato fique durante cinco minutos... (às vezes que longos são!) à disposição da *matula*. Chovem, então, de toda a parte imposições e perguntas: *caloiro isto; caloiro aquilo; caloiro assim; caloiro assado;* etc., et-.... E ele lá vai rebuscando, nas melhores estantes da sua inteligência (?) e graça, aquilo que na sua ideia maior agrado e satisfação possa causar aos exigentes *doutores*.

Muitas vezes os *doutores* resolvem condoer-se do modo inaudito como o caloiro se apresenta a *baptismo*, executando um dificílimo equilíbrio sobre os membros trazeiros, que no seu entender servirá para melhor conquistar as simpatias dos afidalgados *doutores*. Estes como não podia deixar de ser, perante tão grande e inútil dispêndio de energias, devidamente compadecidos, concedem ao *caloiro* o especial favor de tomar, durante o *baptismo*, a sua *posição normal*, também chamada *a quatro*, muito mais descansada e repousante.

De vez em quando, como em tudo, surge um rebelde, um inovador que menospreza e verbera a tradição... São-lhe aplicadas, irremissìvelmente, as penalidades máximas...

«E chegado o momento solene do acto»

Chega por fim o momento em que se consideram satisfeitas a curiosidade e exigências dos *doutos orfeonistas* e a *mesa*, como quem quer ter uma deferência para com o neófito, diz-lhe que escolha o seu *padrinho de baptismo*. Este é sempre um estudante com mais de três anos de vida orfeónica e escolhido que é manda que o seu afilhado disserte, alto e bom som, sobre tema que lhe propõe, para assim avaliar se ele é digno do seu apadrinhamento. Porque há que ter em vista o facto de os *doutores*, muito dignos e sábios, contrairem grande responsabilidade com a aceitação dum afilhado que vem — afirma-se — das fundeiras da escala zoológica e que é tão cheio de excrecências e partes duras que, francamente o dizem, não se divisa sítio onde se acantone restea de inteligência...

Os temas são sempre muitos variados, originais e susceptíveis de provocar imensa graça, forte risota e muitas intervenções da parte dos *orfeonistas*. O *caloiro* em verdadeiros palpos de aranha, lá vai até ao fim da sua dissertação, ora dando no cravo, ora dando na ferradura, e acima de tudo muito desejoso de que toda aquela brincadeira acabe o mais depressa possível. Em determinada altura considera-se, por artes não se sabe de quem, o tema esgotado completamente. É chegado o momento solene do acto: O *padrinho* dá o nome ao *caloiro* e o *padre* ou *baptizador* carrega-lhe com água ou outro líquido bebível sobre a extremidade cefálica... Isto é o que acontece normalmente; o resto são agruras e amargos de boca... (mete sal e pimenta!) que não vale a pena contar.

São assim os *baptismos* no Orfeão; e ninguém pode fugir-lhes... É como a sina...

PASSADO E PRESENTE

Dedicado aos Orfeonistas doutros tempos

Vèlhinho: *eis-nos aqui! Nós somos hoje em dia*
O retrato fiel do que tu fostes outrora.
Cantamos para ti toda esta melodia;
E tu hás-de sentir imensa nostalgia
Recordando o passado e ouvindo-nos agora.

Decerto evocarás com pena, com saudade,
A vida descuidosa, a vida fascinante
Da tua já passada e alegre mocidade:
Teus colegas, teus pais, a tua Faculdade
E a capa esfarrapada e negra de estudante.

Recordarás também as noites que cantaste
Num palco quase igual a este onde cantamos...
Lembrarás o Orfeão que há muito já deixaste
E este velho estrado, o qual tu já pisaste
Tal como desta vez ainda nós pisamos.

Enquanto vês em nós o teu belo passado,
Nós sentimos também que um dia, desse lado,
Ouviremos cantar, co'a mesma comoção.

Vèlhinho: *esse é o destino atroz, inexorável!*
Somos todos mortais! Eterno, inabalável,
Só fica o nosso Orfeão — perdoa! — o teu *Orfeão!*

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA

Quando o O. U. P. foi a Sevilha e a Lisboa

(*Continuação da pág. 21*)

oficiais, entre elas Suas Ex.as o Senhor Ministro da Educação Nacional e o nosso Magnífico Reitor, que tivera a suma gentileza de nos ir esperar. Aí sim, aí é que mostrámos o quanto valíamos ao cantar perante numerosíssima assistência. E foi então que o Orfeão verdadeiramente começou a «agradecer cantando», que doutra maneira o não poderia fazer. No primeiro intervalo já todos sentíamos que o êxito seria completo; e — fenómeno significativo! — nós, que noutros espectáculos íamos a tremer perguntar as impressões, aí não nos restavam dúvidas e abraçamo-nos num delírio fantástico, indescritível, não conseguindo impedir que uma lágrima rebelde borbulhasse nos nossos olhos. Soubemos mais tarde que houve quem, tendo acorrido com indiferença ao sarau, verificando a nossa indiscutível classe, se apressou a ir buscar mais pessoas de família, para que pudessem aproveitar também das manifestações de cultura e da esfusiante alegria dos estudantes do Porto!

Na verdade, este espectáculo ficou num lugar bem destacado na história do Orfeão Universitário do Porto.

ABÍLIO FERREIRA DA SILVA

Vontade de ser Orfeonista

Há coisas na vida dum cidadão que custam a acreditar como podem acontecer! Às vezes será que é Deus a escrever direito por linhas tortas; ou será que fosse mera brincadeira do Destino, daquele destino que se escreve com maiúscula e que sempre quer dar a impressão de ser uma pessoa séria? E daí, talvez a razão esteja nas manias da perseguição de alguma parte da entidade patronal...

Sim, porque falta de ouvido, ou de voz, ou até falta de categoria intrínseca isso não era com toda a certeza. Eu posso invocar o testemunho insuspeito da D. Maria José, uma voz autorizada e de seriedade impugnável. Lembra-me muito bem o dia — como se tivesse sido ontem — em que a D. Maria José, muito digna sócia-gerente da Monarquia do 37 e apaixonada cultora do bel-canto, me disse: — Ai o senhor doutor, que voz de maravilha que tem! E que bem que canta!

Lembra-me bem que fiquei muito surpreendido por um instante, mas logo, daí a pouco, percebi que toda aquela multidão de elogios pertenciam ao Luís Piçarra que cantara as «Fiandeiras» através das goelas abertas da telefonia do meu quarto. Não fiz no entanto a crueldade de desfazer o encantamento de que se tomou a D. Maria José. De resto sabia tão bem a um indivíduo do meu tipo biotipológico, ouvir afirmações daquela natureza, de boca tão geralmente bem esclarecida...

Na altura veio à baila a incompetência de eu não pertencer ao O. U. P. e, não queiram saber o que foi aquela meia hora de palestração erudita. Eu lembro sempre aquela meia-hora com uma emoção extraordinária, uma emoção agradável e feliz, uma meia-hora como poucas meias-horas tenho tido na minha vida. Que vibração e que vitalidade tiveram os impropérios dela contra os júris do O. U. P. que tinham tido a pouca-vergonha de me fazer o que eu lhe narrei em frases bem visíveis de sofrimento! Que indignação a dela! Chegou a deixar fugir um palavrãozito... Mas o que ainda recordo com mais enternecimento é a frase com que aquela angélica senhora se despediu de mim:

— Olhe senhor doutor: o pior mal foi deles. Deixaram perder um valor!...

Como me foi consoladora esta frase!

É certo que o «Abandonado» também era um valor e o «Abandonado» era um gato preto filho de pais incógnitos. Mas devia de ser de boa estirpe: fora deixado à porta da D. Maria José, ainda bichaninho de peito, numa manhã nevoenta de S. João — Alguma escorregadela duma gata de boa família...

O caso, porém, é que aquele dia significou na minha vida uma grande libertação. A libertação dos múltiplos complexos que as minhas frustradas ambições à actividade orfeónica me haviam criado. Com a D. Maria José eu fizera uma esplêndida catarse, uma autêntica aplicação caseira dos processos psiconalíticos. Eu tive então a oportunidade de recordar tudo desde o princípio, desde aquele dia já longínquo, ainda estudante de liceu, em que tive notícia da axistência do O. U. P. Eu fôra, quase casualmente assistir à récita no Coliseu. Era no tempo em que a Galeria tinha classe e personalidade. Nos intervalos organizava-se o Orfeão da Galeria, coro gigantesco que ruidosamente cantava músicas conhecidas sob o comando dum tipo forte que regia autoritàriamente com um gesticular estereotipado pelo do maestro Valentim.

Na minha imaginação de estudante liceal aquele jóvem forte conseguindo assim chefiar toda aquela multidão, que todos o conheciam pelo nome — dr. Albano — surgia-me como o modelo do estudante boémio da tradição, enfim um valor que também não pertencia ao Orfeão e que, sim, era um valor e de peso.

Gostei muito do espectáculo. Fora brilhante, alegre, cheio de verve, um espectáculo de categoria.

E porque gostei, no ano seguinte, no gozo da total carência de imunidades que convém à condição de caloiro eu fui a exame de voz, com forte disposição de fazer carreira de orfeonista de constar.

Eu sofria ao tempo dum certo medo, o medo próprio de caloiro, perante as vateranas individualidades, que para meu escarmento enciam a sala onde se faziam os exames de voz. Foi por isso que a voz me saiu um bocadinho tremebunda e delicada quando logo de rompante abonei os meus antecedentes de barítono do Orfeão do Liceu. O examinador torceu o nariz e observou que eu tinha voz de tenor. Eu disse logo que não, que até tinha voz grossa. Mas ela teimou em sair num fiozinho de voz delicada. O resto não teve história. Dois dias de desconsolo e de tristeza que tive de digerir sòzinho pois ao tempo a ninguém fiz revelação deste passo assinalado da minha biografia.

Três anos se passaram a todo o comprimento dum insensível processo de maturação. Já não era um adolescente quando quartanista, seguindo na esteira duma nova lufada de entusiasmo tornei a comparecer diante do maestro Afonso Valentim. Mas o maestro continuava com a sua antiga mania e queria que eu a cantar lá-lá-lá-lá o seguisse enquano ele tocava piano. Ora isso nunca me pareceu coisa de um cristão ser capaz de fazer. Eu começava um lá-lá-lá que confesso me saía um tanto chalado, o pior é que as semelhanças com o som tirado do teclado não passavam de meras coincidências. Não que fosse de estranhar: as minhas cordas vocais são carninha e epitélios enquanto que os sons do maestro eram feitos por palhetas metálicas, de aço inoxidável, de fabrico alemão.

Bem, eu não fui incluído na lista das novas aquisições do simpático agrupamento. Porquê, não vale a pena especular.

Era salvo erro Alexandre Herculano quem dizia que teimar é vencer. Eu tenho também cá para comigo que a persistência é uma grande virtude. Portanto, quintanista, lá estava pela terceira vez. Demais é da lei das coisas que às três é de vez. E isto de ser quintanista dá sempre um handicap de respeito. Entretanto eu tomara completas precauções. Na Direcção figuravam uma porção de amigos meus. O Rios e o Rui tinham prometido pôr as suas influências a meu favor. O Meireles durante quinze dias deu-me lições de música com raro espírito de devoção tornando-me capaz de identificar qualquer nota escrita que surgisse ao alcance das minhas dioptrias. O Durval ensinou-me uma mnemónica em que eu pelos nós dos dedos sabia logo qualquer nota bastando olhá-los. Nos últimos dois dias fiz ainda exaustivos treinos de acertar o tom de voz pelo do piano. E meia hora antes de entrar tive um benemérito que me ensinou a cantiguinha que era a sucessão de notas do lá-lá-lá que o maestro por sistema tocava no piano. Com a ajuda de todos os amigos e com o meu atento esforço pareceu-me que tudo fora previsto para que não houvessem surprezas. A Dilma até veio de propósito para assistir ao momento solene em que eu ganharia o direito de pertencer ao Orfeão.

A culpa foi toda do maestro. Em vez de me fazer cantar o lá-lá-lá mandou-me cantar o hino nacional e, vexame máximo, não me perguntou absolutamente nada de música.

Um homem nunca deve desanimar, e lá por estar no último

ano do curso não é razão de convencer-se do contrário. Aliás o Licínio garantira-me que às quatro ia ser de vez quanto mais não fosse por prémio da persistência.

Com que facilidade a gente crê em quimeras!

Desta quarta vez lembro-me com certo gosto. Não me preocupei com coisíssima nenhuma. Marcaram dois dias para exames; não apareci em nenhum deles, fui no terceiro estilo das provas de repescagem. Apreciei a deferência com que me chamaram logo à frente de todos. Na sala a fina-flor dos corpos gerentes que desde o primeiro dia de provas dali não arredava pé. O maestro de «papillon» novo, comprado na High-Life, propositadamente.

Com o seu melhor sorriso mostrou-me uma partitura e apontando com o dedo perguntou:

— Sabe música?

Ao que eu respondi olìmpicamente, num ar descontraído, sublinhando bem:

— Nada.

As teclas foram premidas a seguir. No rosto do maestro alternava-se o sorriso simpático com o olhar perdido de quem sente a música na alma. As teclas foram premidas segundo a ordem da tal cantiguinha do lá-lá-lá e eu acompanhei com segurança, a voz numa boa tonalidade, bem modulada, voz cheia e forte. O maestro espremeu-me até aos mais agudos, oitavas acima, oitavas a baixo. E eu sempre comportando-me airosamente. Num nível que a mim próprio me foi muito aprazível. Sem a menor desafinação.

Mas eu não fui incluído na lista das novas aquisições...

*

Eu estou quase a convencer-me de que são as condições acústicas da sala do Orfeão que são inadequadas para a boa percepção das características da minha voz.

CAMILO LOPES DE FREITAS

Um curso superior...

...Faz-se mais fàcilmente quando se dominam as línguas em que estão escritas as obras fundamentais cuja consulta se torna necessária. O conhecimento de línguas não só é extremamente útil para facilitar e valorizar um curso, como se torna mais tarde um factor essencial para uma carreira profissional brilhante. O método **Linguaphone** ensina-o a falar, ler, escrever e compreender uma língua estrangeira em escassos meses e com surpreendente correcção e eficiência. Facilidades especiais põem o **Linguaphone** ao alcance de todos os estudantes.

Peça-nos o livro descritivo ilustrado e pormenores sobre a Experiência Gratuita de uma Semana, enviando-nos o cupão abaixo (colado num bilhete postal) ou assista a uma demonstração, em Lisboa, na Rua Nova do Almada, 95 e, no Porto, na Rua de Santo António, 210 (toda a correspondência deve ser dirigida para Lisboa).

APRENDA FRANCÊS, INGLÊS, ALEMÃO, ITALIANO, ETC., PELO MÉTODO USADO EM MAIS DE 13.000 UNIVERSIDADES E ESCOLAS EM TODO O MUNDO.

«O **Linguaphone** *não deve faltar nos estabelecimentos modelares de línguas nem no lar dos estudiosos das falas estrangeiras».*

Prof. Vasco Botelho de Amaral
Director do Centro Internacional de Línguas, Lisboa

«Já tinha desistido de aprender alemão por falta de tempo. Afinal o **Linguaphone** *veio permitir-me numa semana resultados de longe superiores aos que obtivera em dois meses num curso privado».*

Dr. António Maria Pereira (filho)
Advogado, Lisboa

LINGUAPHONE ENSINA LÍNGUAS

C. P. 9/12/955

Ao Instituto Linguaphone
95, Rua Nova do Almada, 99
(Valentim de Carvalho, Limitada)
Queira enviar-me o **Livro Grátis Ilustrado** sobre o Método Linguaphone. Desejo aprender
a língua ..... para .....
Tenho / não tenho gramofone ou giradiscos.

Nome .....

Morada .....

VADECA — R. de Santo António, 210

ANTIGO ORFEONISTA!

CONTRIBUI PARA QUE O ORFEÃO SEJA MAIOR INSCREVENDO-TE COMO ORFEONISTA AUXILIAR.

*

BASTA QUE OFEREÇAS UM SÓ LIVRO À BIBLIOTECA DO ORFEÃO PARA QUE TENHAMOS UMA GRANDE BIBLIOTECA...

*

USA O EMBLEMA DO ORFEÃO.

PARA NÃO ESQUECER...

Restaurante ARE-ALEIRA **Cervejaria**

LIMITADA

Rua do Bonjardim, 87 Telefone, 26465

P O R T O

PORTUGAL

MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

EM BRUTO E APARELHADAS

COMPLETO SORTIDO

FOLHAS – CONTRAPLACADOS

C O L A S

SERRAÇÃO

Ferreira, Magalhães & C.ª, L.da

TELEFONE Santa Eulália – *Fanzeres*

Gondomar, 21 **GONDOMAR**

António Marques

Fábricas de papel, cartão e sacos de papel

Apartado n.º 11 Telefone, 50

Paços de Brandão

Livraria Científico-Médica do Porto, L.da

Representante da LIVRARIA LUSO-ESPANHOLA, L.DA (de Lisboa)

Livros técnicos de todas as origens
Facilidades de pagamento sistema c/ corrente

14 — Rua do Carmo, 14-A

Telefone, 24076 PORTO

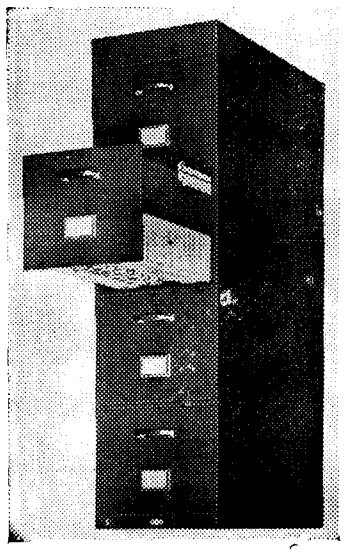
CAMISAS! só...

Júlio

CAMISEIRO

COM FÁBRICA PRÓPRIA

R. de Santa Catarina, N.º 375 ~ PORTO



FICHEIROS

E

MÓVEIS EM AÇO

A. Lencastre & Sousa, L.da

Rua Santo António, 220

PORTO

«O Alentejo»

Companhia de Seguros

Delegação no Porto

R. Santa Catarina, 221-1.º — Telefone, 25396

GRUNDIG

Rádio

TELEVISÃO

GRAVADORES de Som

GIRADISCOS

EXPOSIÇÃO E VENDAS

SODIPE

Rua de Ceuta, 5 PORTO

BENZO DIACOL
XAROPE

TOSSE ?

BENZO-DIACOL

DRÁGEAS GOTAS XAROPE

Preço deste número único: 5$00